

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS**

JOÃO HENRIQUE SOUSA DE ASSIS

“Something entirely new”: Reproduções e subversões de heteronormatividades de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer

**PARNAÍBA
2024**

JOÃO HENRIQUE SOUSA DE ASSIS

“Something entirely new”: Reproduções e subversões de heteronormatividades de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial para a integralização do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves de Oliveira em Parnaíba. Orientação: Professor Doutor Ruan Nunes Silva.

PARNAÍBA

2024

A848s Assis, Joao Henrique Sousa de.

"Something entirely new": reproduções e subversões de heteronormatividades de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada Steven Universe (2013-2019) à luz dos estudos queer / Joao Henrique Sousa de Assis. - 2024.

67f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI , Licenciatura em Letras Inglês, Campus Alexandre Alves de Oliveira , Parnaíba-PI, 2024.

"Orientador: Prof. Dr. Ruan Nunes Silva".

1. Estudos Queer. 2. Heteronormatividade. 3. Corpo e Gênero. 4. Steven Universe. 5. Crystal Gems. I. Silva, Dr. Ruan Nunes . II. Título.

CDD 306.76

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3^a/1512

JOÃO HENRIQUE SOUSA DE ASSIS

“Something entirely new”: Reproduções e subversões de heteronormatividades de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado como requisito parcial para a integralização do curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, campus Alexandre Alves de Oliveira em Parnaíba. Orientação: Professor Doutor Ruan Nunes Silva.

COMISSÃO AVALIADORA

Professor Orientador: Doutor Ruan Nunes Silva
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professora Convidada: Doutora Renata Cristina da Cunha
Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professor Convidado: Rubenil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal

APROVADA EM ____ de _____ de 2024.

*À minha mãe, que nunca deixou de me amar e cuidar de mim
Ao João Victor, que iluminou o meu caminho e foi meu porto seguro nos momentos difíceis
À todes que me deram um cumprimento nas costas e falaram que ia ficar tudo bem.*

É difícil escrever algo que eu sempre senti que não fazia parte de mim, ou melhor, que eu nunca fui bom em fazer. Contudo, aqui, eu gostaria de começar os meus agradecimentos e ser levado a sério quando digo: eu não teria conseguido sem vocês.

À minha mãe Eliane, que marcou todos os meus momentos de calmaria e fragilidade em tempos recentes, no qual eu poderia vir passar dias na sua casa, conversar, rir, dividir refeições e eu me sentiria acolhido e confortável. Além disso, destaco sua proteção, seu zelo e preocupação comigo, eu nunca conseguiria me cuidar tão bem quanto você fez em 22 anos. Obrigado por ser essa pessoa temperamental, animada e eufórica, e, principalmente, acreditar em mim em todas as decisões ruins que eu faço, não sei o que faria sem você ao meu lado.

Aos meus irmãos, Lidiane e Junior, por estarem presentes no decorrer da minha vida e sempre estarem dispostos a me ajudar de alguma forma. Vou ser sempre o caçula de vocês, muito obrigado!

A João Victor, que foi o maior tesouro que eu encontrei no curso, por estar comigo e não ter deixado de acreditar em mim em NENHUM momento. Obrigado por dividir comigo os meus surtos, as minhas felicidades, o meu sono, a minha tristeza, e o meu dia a dia. Você me ama e eu te amo, alinhamento milenar, você não acha?

Aos meus dois melhores amigos do meio acadêmico, Kleiton e Franciel, que conheci no início do curso e estão do meu lado até hoje, compartilhando forças e dividindo momentos felizes. Obrigado por me aturarem nos momentos mais delicados, por me ouvirem nos momentos difíceis e por estarem lá, em todos os momentos.

Aos meus amigos não acadêmicos, que se mostraram presente de alguma forma na minha vida no decorrer da minha trajetória até aqui, e que pude dividir bons momentos ao seu lado. Obrigado demais, galera!

Aos meus amigos da faculdade, principalmente à minha turma, que mesmo não muito unida, fui capaz de nutrir boas relações no decorrer desses anos. Obrigado especialmente às minhas amigas Natalia, Giovanna, Letícia e, principalmente, Renatinha que, além de serem inspirações para mim, fizeram a rotina acadêmica se tornar mais leve e menos massiva. Amo vocês.

Aos meus professores da graduação, sinto que suas aulas foram essenciais na minha formação e um pedacinho dos bons momentos ficou aqui comigo. Obrigado a professora Lara Dias, Francimaria Machado, Ana Carolina, Giselle Andrade, Eva Moraes. Vocês são exemplares.

Ao meu professor, orientador, e quase pai Ruan Nunes, que marcou a minha história no curso. Foi por causa da disciplina de Teoria da Literatura que minha vontade de estudar essa área floresceu. Obrigado por fazer suas aulas serem tão interessante e, principalmente, por segurar minha mão nessa reta final, mesmo que não seja sua obrigação. Me inspiro em você em muitos aspectos, MUITO obrigado mesmo!

À minha mãe acadêmica Renata Cristina, que eu tenho um carinho tão grande que não sou capaz de colocar em palavras ou ações, você foi o que me levou para frente e me inspirou em todas as ideias que eu tive para estar aqui hoje. Obrigado por me encorajar e incentivar no decorrer dos anos, você é essencial em tudo que eu faço até hoje.

Where did we go? What did we do?
I think we made something entirely new

And it wasn't quite me, and it wasn't quite you
I think it was someone entirely new
(STEVEN, 2016)

ASSIS, J. H. S. “**Something entirely new**”: Reproduções e subversões de heteronormatividades de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer. 2024. 67p. Monografia. (Graduação em Licenciatura em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

RESUMO

Os estudos queer se configuram como uma área de estudo relativamente nova e ainda em constante desenvolvimento. Além disso, eles são conhecidos por subverter e desafiar as normas e padrões sociais em que vivemos, inclusive na cultura em que estamos inseridos e nas produções culturais produzidas pela sociedade, como produções cinematográficas que circulam nos meios digitais de informação. Desse modo, animações, como desenhos, que carregam a estranheza queer na sua narrativa, são relevantes para a formação de uma nova percepção de mundo e de cultura, principalmente quando consideramos que animações como *Steven Universe* são mais assistidas pelo público infantil. Destarte, esta pesquisa girou em torno da seguinte inquietação: de que formas as fusões das Crystal Gems reproduzem ou subvertem heteronormatividades de corpo e gênero na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer? A fim de responder esta indagação, o seguinte objetivo geral foi delimitado: investigar de que formas as fusões das Crystal Gems reproduzem ou subvertem heteronormatividades de corpo e gênero na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer. Com o intuito de alcançar este objetivo, foram elencados os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer com ênfase em heteronormatividade, corpo e gênero; identificar as características de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019); problematizar as implicações heteronormativas de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems. Esta é uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de cunho exploratório com análise interpretativista embasada em autores e teóricos que se dedicam a estudar os estudos queer, como Judith Butler (2021), Guacira Lopes Louro (2020) e Richard Miskolci (2020). Em síntese, a pesquisa revela que as fusões das personagens apresentam características marcantes em suas vestimentas, formatos, cores e aparências, resultando na reprodução ou subversão de expectativas e padrões normativos referentes ao corpo e gênero normalizados.

Palavras-chave: estudos queer; corpo e gênero; heteronormatividade; *Steven Universe*; Crystal Gems

ASSIS, J. H. S. “**Something entirely new**”: Reproductions and subversions of heteronormativities of body and gender in the Crystal Gems’ fusions in the animation Steven Universe (2013-2019) from a queer studies perspective ”. 2024. 67p. Monograph. (B.A. in English) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024

ABSTRACT

Queer studies set up a recent area of academic studies and are developing as of now. Additionally, they are known for subverting and challenging norms and social patterns we live, including the culture we are inserted in. In this perspective, animations which carry queer elements in the narrative can be relevant and influent to the formation of a new way to see the world and culture, especially when animations as Steven Universe are usually watched most by a childish audience. Therefore, this research revolves around the following question: In which ways the fusions of the Crystal Gems reproduce or subvert heteronormativities of body and gender in the animation Steven Universe (2013-2019) from a queer studies perspective. In order to answer this question, the following general objective was established: to investigate in which ways the fusions of the Crystal Gems reproduce or subvert heteronormativities of body and gender in the animation Steven Universe (2013-2019) from a queer studies perspective. In order to accomplish this objective, the following specific objectives have been organized: to discuss the theoretical assumptions of the queer studies with emphasis in heteronormativity, body and gender; to identificate the characterization regarding body and gender in the fusions of the Crystal Gems in the animated series Steven Universe; to problematize heteronormative implications regarding body and gender in the fusions of the Crystal Gems. To reach the objectives, a bibliographic investigation of qualitative approach and of the exploratory type with interpretivist analysis was developed based on authors and theorists that dedicated to research and study the queer studies area, such as Judith Butler (2021), Guacira Lopes Louro (2020) and Richard Miskolci (2020). To summarize, the research reveals that the characters’ fusions present expressive characteristics in their dressing, shape, colors, appearances resulting in the reproduction or subversion expectations and patterns toward normative standards regarding normalized body and gender

Keywords: queer studies; body and gender; heteronormativity; Steven Universe; Crystal Gems.

SUMÁRIO

1 “MINDFUL EDUCATION”: OS (DES)ENCONTROS DE UM PESQUISADOR ACADÊMICO	11
2 “KEEP BEACH CITY WEIRD”: DESENVOLTURAS DOS ESTUDOS QUEER	19
2.1 “Peace and love on the planet earth”: uma perspectiva histórica-social dos estudos queer	19
2.2 “Familiar”: a construção e as crenças acerca de corpos generificados	24
2.3 “Escapism”: amarras e regulações da heteronormatividade	32
3 “LEGS FROM HERE TO HOMEWORLD”: EXPLORANDO STEVEN UNIVERSE E SUAS PERSONAGENS PRECIOSAS	37
3.1 “We are the crystal gems”: a história interestelar de <i>Steven Universe</i>	37
3.2 “Giant woman”: Problematizando pedras espaciais não tão desprovidas de gênero	43
4 “EARTHLINGS”: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES DE UMA JORNADA ACADÊMICA CONTURBADA	62
5 REFERÊNCIAS	65

1 “MINDFUL EDUCATION”¹: OS (DES)ENCONTROS DE UM PESQUISADOR ACADÊMICO

Inicialmente, o título do trabalho remete, principalmente, às personagens ilustres que surgem na série animada após ocorrer a fusão de duas ou mais personagens, gerando a existência de algo totalmente novo. Contudo, algo inteiramente novo, como pode ser traduzida a frase do título, remete a um novo tudo que o pesquisador vivenciou em um momento muito importante na sua adolescência até hoje em dia. Segundo para o surgimento do interesse, esta pesquisa percorre um caminho relativamente curioso. Acredito² que por ter sido uma criança privilegiada, eu fui capaz de assistir a diversos desenhos e animações em boa parte da minha infância, o que é refletido no meu interesse e gosto pessoal por essas produções atualmente. Contudo, assim como as crianças fariam, eu sempre assistia e ficava fascinado com os elementos visuais e as personagens fictícias que moravam em um lugar que só poderia existir na minha mente, ou no próprio universo que se passava a produção.

Com *Steven Universe*³, não foi muito diferente, eu acompanhei fascinado pelo que os personagens faziam e pelo enredo que a série proporciona, o que me levou a assistir os episódios de todas as temporadas. Porém, o processo não foi tão linear. Enquanto eu assistia as primeiras temporadas na minha infância, por volta dos meus quatorze anos, eram apenas episódios aleatórios que estavam sendo exibidos na programação da *Cartoon Network*, o que me forçava a assistir de forma isolada e sem muita ordem cronológica. Entretanto, eu ainda me interessava pela série e, mesmo que tenha dado uma pausa por não conseguir entender a história, procurei por ele na internet para conseguir assistir em ordem. Na mesma época da minha retomada, eu estava me interessando cada vez mais pela disciplina de inglês na escola, e eu sempre trazia vocabulários que eu encontrava em jogos para que o meu professor pudesse traduzir para mim. Pouco tempo depois, eu comecei a acompanhar os episódios novos de *Steven Universe* que saiam com certa frequência e em áudio na língua inglesa, uma vez que se trata de uma produção estadunidense, porém esse fator só me deixou mais interessado.

¹ O título remete ao quarto episódio da quarta temporada de *Steven Universe*, retratando a resolução de conflitos internos dos protagonistas ao enfrentar problemas pequenos que crescem e assustam no imaginário; “Educação de consciência” (Tradução nossa).

² A utilização da primeira pessoa do singular acontece pelo fator da narrativa ser de cunho pessoal do autor do trabalho.

³ *Steven Universe* é o corpus dessa pesquisa e será melhor detalhado posteriormente. “Em um resumo não tão resumido, *Steven Universe* é um desenho animado que conta a história de um grupo rebelde chamado Crystal Gems” (Paloma, 2017).

Em 2018, com o lançamento do episódio “A Single Pale Rose”⁴, uma das maiores reviravoltas da série animada aconteceu, e isso me marcou pelo fator surpresa das cenas mostradas. A personagem principal, que sempre foi misteriosa, teve seu passado revelado, e isso abalou as estruturas das outras personagens da narrativa. Devido ao fator surpresa, a comunidade que acompanhava a série animada estremeceu e a trama parecia cada vez mais incerta, levando a essa marcação histórica na série, tanto para mim, quanto para outros fãs. Todavia, foi no fim de *Steven Universe* que algo me chamou mais a atenção ainda, duas personagens por quem eu nutria um afeto iriam se casar, o que me deixou feliz, mas a que era mais masculina estava de vestido e a mais feminina estava de terno, e isso começou a sair da minha realidade, não era isso que eu conhecia, ainda. Com o fim da primeira parte da história, eu ainda mantinha um carinho especial pelas personagens e a história delas, e guardei essas lembranças comigo.

Pouco tempo depois, ao terminar de assistir à série animada, já no ensino médio, eu tive que lidar com um sentimento que sempre me pertenceu, mas era desconhecido e reprimido. O meu conhecimento acerca da minha sexualidade, o desejo e a atração, e a aceitação disso tudo como um homem gay me causaram novas sensação, um sentimento estranho e inédito. Contudo, esse processo é mais complicado do que parece, pois a sensação é de estar inserido em um mundo com novas perspectivas sem saber como se comportar ou (re)agir perante as particularidades e vertentes desse novo ambiente, e eu ainda me sentia só mais um garoto, pois talvez eu fosse. Todavia, foi na faculdade que eu pude encontrar novas formas de olhar e pensar criticamente acerca dessa situação e entender que as minhas experiências moldaram o meu ser, e isso acarretou um maior interesse por discussões dos estudos queer⁵, discussões que eu não pude enxergar em *Steven Universe* anteriormente.

Ao entrar no curso de licenciatura em Letras Inglês, tive o prazer de cursar a disciplina de Crítica Literária no período letivo de 2022.1 com a professora Renata, o que me tornou sensível aos temas que essa disciplina estuda. Sem dúvidas, as discussões e o apoio da professora foram essenciais para eu poder virar meus olhos para *Steven Universe* e ser capaz de projetar esse trabalho. A partir do conhecimento adquirido e das atividades exercidas, eu estive apto a assistir novamente *Steven Universe* e perceber elementos que antes eram fúteis aos meus olhos, principalmente as estranhezas queer que rodeiam as personagens na série animada. Somado à introdução dos estudos queer nessa disciplina, a disponibilidade e apoio do professor

⁴ Décimo oitavo episódio da quinta temporada de *Steven Universe*

⁵ Os estudos queer, apresentados amplamente no primeiro capítulo desta pesquisa, se configuraram como uma área de estudos que busca pesquisar os impactos referentes à sexualidade e gênero dos indivíduos na sociedade.

Ruan Nunes foram essenciais para eu poder expandir os horizontes e ler ainda mais sobre esses estudos.

Reassistindo a série animada, é inegável que deixei passar muitas coisas quando assisti a primeira vez, mas agora, com um maior discernimento do assunto, observei que a série estava me dizendo algo que eu não sabia antes. Pelo fato de eu ter crescido e vivido minha infância dentro dos padrões e normas impostos, eu fui o menino que meus pais esperavam, que a sociedade esperava, e isso me impedia de olhar para as particularidades da série com outros olhos além dos proporcionados pelas minhas experiências de vida. Contudo, assimilando as discussões que me cativam à animação que me marcou, *Steven Universe*, cheguei à elaboração dessa pesquisa.

. Na sociedade em que vivemos, é comum ouvir ou ler comentários de muitas pessoas acerca da relevância de desenhos animados, sendo estes geralmente atrelando-os à bobagem e/ou perda de tempo. Contudo, é sensato afirmar que eles se fizeram presentes na vida de muitas pessoas que conseguiram ter acesso à televisão na infância. Dessa forma, concordamos com Jack Halberstam⁶ (2011) na medida em que essas produções culturais, nomeadas pelo autor como “silly archive”⁷, são capazes de trazer consigo problemáticas e discussões relevantes para a sociedade contemporânea. Ainda que intelectuais teóricos, como Theodor Adorno em seu livro *Indústria Cultural e Sociedade* (2009), proponham que o consumo de produções da indústria cultural no tempo livre seja algo desprezível, Halberstam (2020) relembra que produções sobre o fracasso podem não nos livrar das amarras da indústria cultural ou nos tornar pessoas melhores, mas são capazes de provocar um estranhamento do sistema hegemônico e proporcionar um novo modo de ser e saber em mundos secretos.

Neste contexto, os desenhos animados, que são geralmente ligados à televisão, vêm se espalhando por outros meios de comunicação, tendência popularmente disseminada na internet, ainda que o meio mais famoso tenha sido a televisão aberta. Além disso, o fator da televisão aberta estar perdendo seu público ocorre por agravantes como o comportamento dos jovens que não se interessam tanto pela TV, novos serviços televisivos como os *streamings* e aparelhos como celulares e *tablets* (Feltrin, 2021). Desta forma, é possível perceber que esse movimento de transição para serviços televisivos na internet é uma das formas de elitizar e lucrar com esse tipo de conteúdo, algo que era possível observar também em canais de televisão fechada.

⁶ Apesar da obra citada estar com nome de autoria Judith Halberstam, o autor teórico revelou que não policia a forma como é referido, seja “ele ou “ela, ‘Judith” ou “Jack” (Sexsmith, 2012).

⁷ “Silly archive” é o conceito apresentado pelo autor citado, traduzido para arquivo “bobo” (Halberstam, 2020).

Contudo, a televisão, ainda que disputando de forma acirrada com smartphones ou tablets, continua sendo o meio principal que uma criança, na primeira infância, passa seu tempo na frente de uma tela (Nobre *et al.*, 2021). Além disso, o estudo recente evidenciou que as crianças, recentemente, aumentaram de forma considerável o tempo na frente de uma tela, e esse fator pode estar ligado ao alto tempo de tela dos pais, ou até mesmo uma forma de distrair a criança, acarretando em problemas sociais e de linguagem posteriormente (Nobre *et al.*, 2021). Sendo assim, é possível notar a presença incontestável da televisão no processo de formação da infância, influenciando as perspectivas e entendimento do mundo. Contudo, a criança não deveria ser um agente passivo de tudo o que a TV proporciona, pois ao alcançar os 6 anos de idade, ela desenvolve uma sensibilidade maior ao conteúdo que consome, diferenciando a fantasia da realidade e assimilando suas particularidades no uso desse recurso (Pougy, 2005).

Além disso, de acordo com Tatiana Heck Machado (2012, p. 11-12)

É expressivo o contato que as crianças têm atualmente com a mídia televisiva e dentre todas as produções, os desenhos animados ocupam o primeiro lugar na preferência das crianças, sendo uma poderosa fonte de informação e comunicação, influenciando diretamente na construção do imaginário e contribuindo para a formação da identidade infantil.

Se os desenhos animados impactam e influenciam a formação de identidade das crianças, é necessário identificar e entender quais discursos e temas são frequentemente abordados nesses desenhos. Ademais, esses desenhos carregam representações ideológicas de sociedade e cultura, o que é relevante para esse desenvolvimento da criança (Machado, 2012).

Como o *Cartoon Network*⁸ é “o canal de desenhos, que marcou (e ainda marca) uma geração de brasileiros” (Vilela, 2023), os desenhos exibidos pelo canal são definitivamente significativos para essas gerações. Além disso, desenhos mais antigos e ilustres como *O laboratório de Dexter*, *Johnny Bravo* e *Coragem, o cão covarde*, juntos de desenhos atuais como *Hora de Aventura*, *O incrível mundo de Gumball*, *Ursos sem curso*, *Steven Universo*, dentre outros, configuraram a lista de animações mais assistidas nesse canal na América Latina. (Vilela, 2023). Portanto, os elementos e representações transmitidos por esses desenhos conseguem atingir as crianças de forma espontânea, uma vez que muitas procuram por esses desenhos como entretenimento e a *Cartoon Network* é um canal que possui grande notoriedade quando o assunto são desenhos animados.

⁸ A *Cartoon Network* é um canal de desenhos animados muito popular nas últimas décadas.

Considerando que *Steven Universe* é um dos desenhos mais assistidos da Cartoon Network, é compreensível que essa produção é capaz de influenciar o público por meio de seus elementos visuais. No decorrer da produção e exibição da série, *Steven Universe* foi venerado, e um pouco criticado, por trazer representação de gênero e sexualidade, considerando que a produção é, aparentemente, destinada ao público infantil (Pitre, 2018).

Dessa forma, a série animada trouxe novas perspectivas para um novo público que, provavelmente, não estava presente em animações passadas, e, por conseguinte, em públicos passados. Em *Steven Universe*, a personagem Steven “frequentemente age de forma carinhosa e sensível, às vezes deixando as lágrimas saírem livremente e sempre encorajando as pessoas a compartilharem seus sentimentos” (Pitre, 2018, p. 30, tradução nossa)⁹. Essa representação que o protagonista da série animada transmite para os telespectadores confronta os padrões normativos da figura masculina na nossa sociedade. De acordo com Richard Miskolci (2012, p. 10-11),

Um homem de verdade, hoje percebo, era o que impunha seu poder aos outros e a si mesmo à custa da sua própria afetividade. Daí meu primo, desde o uso do uniforme, ter deixado de ser carinhoso para adotar expressões de afetividade que sempre terminavam em pequenas torturas, como se um abraço ou carinho entre homens tivesse que resultar em uma luta, um soco ou um machucado. Ele não era exceção, regra em uma época em que meninos eram submetidos a uma pedagogia da masculinidade até se tornarem adultos, alguns, como ele, para sempre traumatizados pela recusa da afetividade que lhes era imposta, por uma (de)formação que os tornava incapazes de compreender as mulheres como iguais, tampouco de confiar em outros homens como confidentes de seus temores ou dores.

Na experiência de Miskolci, os meninos são ensinados desde cedo a se comportar de uma forma que atenda os padrões de comportamento do gênero masculino. Essa concepção, entretanto, só pode ser validada ao pensar que os gêneros são atribuídos às pessoas, principalmente, por um fator biológico e perpetuados por meio das ações e convicções daqueles que se apropriam dessas ideias de gênero, sem desvios ou mudanças. Porém, se os gêneros são constituídos de atos intermitentes, essa definição não é nada além de uma ilusão, uma percepção identitária modelada, um comportamento que muitas pessoas, incluindo as que o utilizam, perpetuam e confirmam seus ideais (Butler, 2019).

Entretanto, *Steven Universe* se contrapõe ao apresentar um protagonista que, enquanto criança, lida com seus sentimentos e não tem receio em esconder eles aos demais. Dessa maneira, a série animada apresenta temáticas e representações que confrontam os padrões

⁹ Na passage original: “often acts with generosity and vulnerability, often letting tears fly freely and always encouraging others to share their feelings.”

estabelecidos socialmente, guiando o nosso pensamento a quais outras problematizações *Steven Universe* carrega no decorrer de sua narrativa.

Desta forma, esta pesquisa almeja responder o seguinte questionamento: de que formas as fusões das Crystal Gems reproduzem ou subvertem heteronormatividades de corpo e gênero na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer? Para que possamos responder à questão proposta, definimos o seguinte objetivo geral: investigar de que formas as fusões das Crystal Gems reproduzem ou subvertem heteronormatividades de corpo e gênero na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer. A fim de alcançar este objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer com ênfase em corpo, gênero e heteronormatividade; identificar as características de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019); e problematizar implicações heteronormativas de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems.

A fim de alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa acerca dos temas definidos no texto. Essa investigação se trata de uma pesquisa bibliográfica, pois, de acordo com Gil (2002, p. 44),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas

Deste modo, nossa pesquisa é bibliográfica pois, segundo o autor supracitado, se baseia em autores e teóricos que pesquisaram anteriormente o mesmo tema para sustentar as análises propostas no trabalho. Devido à natureza deste trabalho, a abordagem qualitativa foi utilizada pois, de acordo com Paiva (2019), a pesquisa qualitativa ocorre na realidade, buscando entender, analisar ou até decifrar os significados dos acontecimentos sociais a partir de sua perspectiva. Portanto, a análise realizada configura-se como interpretativista, pois é baseada na visão crítica do pesquisador acerca do objeto de análise da pesquisa.

A respeito dos procedimentos desta pesquisa, buscamos e organizamos livros e trabalhos presentes no Google acadêmico que concordassem com as temáticas e discussões dos estudos queer, com ênfase nas questões de corpo, gênero e heteronormatividades. Ademais, foram prezados os trabalhos que abordassem a mesma obra cultural deste trabalho, e também trabalhos que utilizassem, em seu arcabouço teórico, os conceitos supracitados.

Após essa sistematização, voltamos para a série animada *Steven Universe* para localizar e avaliar as passagens condizentes com o tema da pesquisa, além de delimitar os critérios de

inclusão e de exclusão. Acerca dos critérios de inclusão, optamos por abordar as cinco temporadas presentes na série animada principal, visto que as personagens analisadas se fazem presentes em episódios sortidos dentro desse contexto. Abordando os critérios de exclusão, concluímos que seria sensato não utilizar nem o filme e nem o spin-off¹⁰ da série animada pelo fato de a natureza do trabalho não suportar um universo tão vasto.

A fim de justificar a realização dessa pesquisa, olhamos novamente para a série animada *Steven Universe* em busca de elementos que beneficiam não só a nossa sociedade, como a academia e a própria vida. Desta forma, a temática abordada nesta pesquisa se tornou relevante pois, ao observar um padrão normativo de corpo, gênero e sexualidade imposto às pessoas, representações que buscam problematizar e denunciar tais questões são indispensáveis para a desconstrução desse pensamento enraizado na sociedade de que temos que nos definir e compactuar com uma binariedade e comportamento que não são capazes de abranger a todos, todas e todes.

No que cerne o âmbito social, buscamos elucidar as dificuldades vivenciadas pela população queer, e como a presença de animações, como os desenhos, podem ser úteis para a criação de uma nova perspectiva de mundo. Além disso, apesar de muitas falácia e generalizações realizadas acerca desses elementos, os estudos queer têm conseguido cada vez mais espaço em diversas áreas da sociedade, o que representa um ganho de força nas relações de estrutura social. Acerca do âmbito acadêmico, é importante salientar que nosso trabalho é pioneiro em abordar a série animada *Steven Universe* no curso de Licenciatura de Letras Inglês da UESPI, campus Parnaíba. Ainda assim, em uma pesquisa rápida ao Google Acadêmico, há trabalhos como os de Debone (2019) e Kropidloski (2023) que trazem consigo uma análise da mesma série, com elementos teóricos discutidos nos estudos queer, ainda que não possuam os mesmos direcionamentos e interpretações da nossa pesquisa.

Ademais, ainda no contexto acadêmico, estamos dando continuidade aos trabalhos que utilizaram os estudos queer, com ênfase no estudo e dados encontrados por Daniely Samara Borges (2019), que além de abordar os estudos queer como base teórica, trabalhou os conceitos de corpo e gênero no trabalho “Conflitos vivenciados por simon no filme *love, simon*, sob as lentes da teoria *queer*”. Por fim, esperamos que nosso trabalho e outros já publicados possam ser utilizados como referência a fim de fomentar e complementar discussões futuras de outros pesquisadores que buscam explorar essa área.

¹⁰ Spin-off, também chamado de derivagem, é um termo utilizado para designar aquilo que foi derivado de algo já desenvolvido ou pesquisado anteriormente. Fonte: <https://www.significados.com.br/spin-off/>

Visando o âmbito pessoal, esperamos que a pesquisa nos ajude a amadurecer e assimilar os ensinamentos desenvolvidos pelos estudos queer, que enquanto pessoa queer, não foi capaz de visualizar ou entrar em contato com esses tópicos no decorrer da infância. Além disso, acreditamos que a pesquisa proporcionou uma nova perspectiva acerca das animações, como os desenhos, e o que elas podem apresentar, apesar de todo o estigma e o pouco prestígio social que possuem. Ademais, com o amadurecimento dessas ideias, esperamos que esse conhecimento possa ser utilizado também no exercício da docência, a fim de reconhecer como essas diversas visões acerca das pessoas estão presentes no nosso cotidiano enquanto professores. Portanto, esperamos que a pesquisa seja a porta para novos caminhos a serem desenvolvidos pelo autor em futuros trabalhos, sejam pesquisas ou exercendo a função de docente.

No que diz respeito à organização da pesquisa, além da seção introdutória e das considerações finais, há a configuração de dois capítulos fundamentais. O primeiro apresenta a base teórica que sustentou a argumentação do trabalho, utilizando autores como Jagose (1996), Quinalha (2022), Leopoldo (2020) para discutir os estudos queer. O segundo contextualiza a obra cultural trabalhada na pesquisa, *Steven Universe*, e seu amplo acervo de personagens e elementos específicos. Além disso, evidencia as passagens na série animada em que foram interpretadas e analisadas pelo autor com o auxílio dos teóricos apresentados no capítulo anterior.

2 “KEEP BEACH CITY WEIRD”¹¹: DESENVOLTURAS DOS ESTUDOS QUEER

Nesta seção, realizamos o levantamento dos pressupostos teóricos acerca dos estudos queer, abordando as mudanças sociais e o contexto histórico que foram essenciais para o seu surgimento, além de discutir a epistemologia da palavra e sua relação com o fracasso. Em seguida, discutimos questões pertinentes que rodeiam os conceitos de corpo, gênero e heteronormatividades na perspectiva dos estudos queer.

2.1 “Peace and love on the planet earth”¹²: uma perspectiva histórica-social dos estudos queer

Em razão de entendermos como os estudos queer ganharam esse nome e toda a influência, é necessário revisitar os acontecimentos de várias décadas atrás. Ainda que estejamos olhando para acontecimentos históricos, o que se pode entender por início ou origem da teoria queer não é algo que se pode dar como certo ou fechado. Nesta linha de raciocínio, Rafael Leopoldo (2020) nos ajuda a visualizar esse ponto de partida de forma rizomática, com diversas ramificações e caminhos a serem explorados.

Ao visitarmos os caminhos que levaram à consolidação dos estudos queer, voltamos ao contexto político e histórico dos Estados Unidos, acompanhado de suas diversas mudanças sociais, como as guerras e os movimentos político-sociais. Nesta perspectiva, Annamarie Jagose (1996) apresenta movimentos essenciais para a futura fundamentação e consolidação deste campo de estudo, sendo eles o movimento homófilo, a liberação gay, e o feminismo lésbico. Em um momento datado como pré-1969, Jagose explica que apesar do movimento homófilo não ter se tornado tão disseminado, ou até mesmo considerado um movimento de massa, como os outros dois, ele se refere a um período mais remoto, e que:

It is not a coincidence that the homophile movements originate in the same period in which homosexuality crystallised as an identity, when for the first time it was possible to *be* a homosexual. For while homosexual behaviour had been subject to religious condemnation and legal persecution for centuries, organised protests against such

¹¹ O título remete ao trigésimo episódio da primeira temporada de *Steven Universe*, focando nas teorias das conspirações que um figurante faz ao observar padrões estranhos na cidade em que reside, ao mesmo tempo em que é desacreditado por outros moradores, ainda que ele tenha motivos para acreditar em tal; “Mantenha Beach City esquisita” (Tradução nossa).

¹² O título remete a uma música presente no vigésimo quarto episódio da segunda temporada da série animada, representando o processo de aceitação de mudanças de uma personagem da série ao olhar para novos lugares como novas possibilidades de viver de forma livre; “Paz e amor no planeta Terra” (Tradução nossa).

institutionalized prejudices was largely a consequence of the emergent identification category of ‘homosexual’. (Jagose, 1996, p. 22-23).

Dessa forma, a autora expõe que a criação da categoria de identidade homossexual é responsável por uma mudança de paradigmas que influenciaram na criação de grupos e organizações homófilas. Além disso, Renan Quinalha (2022) detalha que organizações homófilas mais conhecidas, como “Mattachine Society” e “Daughters of Bilitis”, que foram fundadas em na década de 1950, buscavam lutar contra a discriminação que funcionários do servidor público sofriam, agindo de forma comportada esperada de homens e mulheres da época para provar que homossexuais não eram anormais. Portanto, ainda que as conquistas realizadas pelas organizações homófilas foram limitadas e o seu discurso seja conservador, é necessário se salientar que a visão atual é privilegiada pela distância temporal dos dias atuais para aquele momento remoto que exigia cuidado ao se identificar como homossexual (Jagose, 1996).

Posteriormente, no final da década de 1960, Quinalha narra uma patrulha policial em um bar gay, prática comum de opressão, conhecido como Stonewall Inn:

Mas algo começou a mudar no dia 28 de junho de 1969. Já era madrugada quando a polícia apareceu e começou a abordar, de forma agressiva, as mais de duzentas pessoas que ali estavam curtindo a noite. Algum desajuste ocorreu no acordo entre polícia e máfia. Os agentes policiais começaram a revistar e identificar os presentes, já separando aqueles que seriam detidos e os que seriam soltos, como sempre faziam. Também começaram a apreender as bebidas alcóolicas. Mas os poucos policiais e viaturas não foram suficientes para a prisão de tanta gente. Foi preciso esperar a chegada de reforço, e foi nesse contexto que eclodiu uma revolta espontânea por parte das pessoas LGBTI+. (Quinalha, 2022, p. 57).

Neste trecho, o autor demonstra como ocorreu uma das maiores reviravoltas da década de 1960, pois, como explica Jagose (1996, p. 31), “[...] what distinguished this now historical date was not that the police raided a known gay bar—for such occurrences were commonplace—but that the patrons resisted, many of them shouting proto-gay liberationist slogans at the police”¹³. Portanto, tanto na visão de Quinalha (2022) como Jagose (1996), a revolta de Stonewall Inn, resultando em uma inquietação da população LGBT nos dias seguintes, se caracteriza como um estopim crucial para a evidenciar pessoas marginalizadas, não unicamente pela revolta, mas também por toda a repercussão que se seguiu.

Nesse período de tempo que se seguiu, houve um crescimento da identidade gay como uma força, além de identitária, política. Jagose (1996) explica que enquanto o movimento homófilo tentou mudar as coisas de forma mais liberal e se assemelhando para ser aceito, a

¹³ “[...] o que diferenciou essa data que agora é histórica não foi a polícia invadir um bar gay conhecido, já que ocorrências como essas eram comuns ao local, mas sim o fato dos ocupantes reagirem, com muitos deles gritando frases de orgulho gay nos policiais” (Tradução nossa).

liberação gay desafiou as verdades estabelecidas e intocáveis por meio da criação de uma identidade unificada e fechada de gay. Desta forma, é por meio dessa identidade consolidada, e majoritariamente branca, que a liberação gay ganha sua força em momentos pós-1969 com a criação de grupos, como Gay Liberation Front (GLF) e o Gay Activists Alliance (GAA), que utilizavam a palavra gay no seu nome de forma orgulhosa (Quinalha, 2022).

Contudo, apesar da criação e unificação da identidade gay, as mulheres que faziam partes de movimentos, como a liberação gay ou o próprio movimento feminista, eram, muitas vezes, marginalizadas. Renan Quinalha (2022. p. 68) observa que “muitas dessas mulheres lésbicas participavam das reuniões do GLF, mas foram se apartando do grupo, que era muito focado nas demandas dos gays” e que “a sexualidade, especialmente a lesbianidade, ainda era um tabu dentro do feminismo hegemônico”. Dessa forma, em um evento histórico entre mulheres lésbicas que não eram incluídas nesses movimentos, foi debatido várias questões do lesbianismo e do feminismo, com a ajuda do panfleto “The Woman-Identified Womam” e a configuração dessas mulheres para lésbicas radicais, que consolidaram o feminismo lésbico (Jagose, 1996). Portanto, os escritos e discussões de Adrienne Rich, Marilyn Frye e Monique Witti foram cruciais para o desenvolvimento das discussões do feminismo lésbico no decorrer da década de 1970 e 1980, principalmente questionando noções de gênero e sexualidade, temas promissores que seriam discutidos posteriormente pela teoria queer na década de 1990 (Jagose, 1996).

Entretanto, ainda que o Stonewall tenha sido um dos maiores marcos para o movimento social das pessoas LGBT, várias questões que se seguiram revelaram que as conquistas adquiridas, assim como muito das pessoas presentes neste acontecimento, eram pertencentes de um grupo só, pessoas brancas e de classe média, características dos frequentadores do bar (Leopoldo 2020). Como abordado por Jagose (1996), cada um dos três movimentos citados anteriormente foi importante para a criação do termo “queer”. Devido a este fato, é por motivos de invisibilidade de outras pessoas que o movimento começa a se expandir e abrigar diferentes pessoas. Portanto, é assim que surge um dos grandes marcos dos estudos queer com Judith Butler, filósofa e feminista que, por meio da publicação do seu livro *Gender Trouble* (1990), foi essencial para a discussão e entendimento acerca dos conceitos de conceitos de gênero e sexo. Além disso, é no decorrer das décadas de 1980 e 1990 que o termo queer ganha sua força e ressignificação, pois essa palavra que era utilizada para se referir a pessoas LGBT de forma ofensiva, como um xingamento, passou a ser utilizada agora para referir pessoas as pessoas rejeitadas e desprezadas que resistiam contra o discurso hegemônico da aids como castigo divino (Miskolci, 2020). Dessa forma, é por meio de uma conferência, no início da década de

1990, intitulada “Queer Theory” que Teresa de Lauretis utiliza o termo queer não como uma ofensa, mas como uma nova alternativa de ser e pensar para além do que era conhecido como “estudos gays e lésbicos” (Lauretis, 2021).

Aprofundando o que seria o queer, é necessário um levantamento de discussão acerca da etimologia da palavra. Ainda que o termo queer fosse utilizado já nos séculos 1910 e 1920 por homens que se diferenciavam pelos seus desejos em outros homens ao invés de mulheres (Jagose, 1996), ele ainda carregava o estigma social para se referir a pessoas LGBT. Ademais, Teresa de Lauretis (2021) expressa que a palavra queer foi associada com a homossexualidade como estigma e, por meio das adversidades da aids na década de 1980, este termo foi ressignificado como uma palavra de orgulho e resiliência política, sendo primeiramente uma forma de protesto social e, só após, uma forma de ser. Para Guacira Lopes Louro (2020, p. 12-13),

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler (1999), a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação.

Na visão da autora supracitada, essa definição reflete tanto o contexto histórico quanto a mudança que esse termo percorreu, ironizando o lugar de desprezo que homossexuais estavam localizados na sociedade para assumir uma nova força além de identitária, uma força política de resistência, que é até difícil achar um significado equivalente na tradução. Dessa forma, essa (in)traduzibilidade da palavra queer para o português é criticada por Leopoldo (2020) ao pensar que a prática de uma tradução dessa palavra implicaria em fazer mais do que substituir uma palavra pela outra, pois há um encargo cultural no meio. Ademais, o professor de filosofia problematiza o fato da palavra ter perdido o seu significado na trajetória acadêmica e política para os dias atuais, o que incentivou novas ideias e formas de traduzir o queer a fim de ressignificar, como por exemplo “estudos transviados” ou “estudos kuir/cuir” (Leopoldo, 2020, p. 39). Contudo, a palavra em inglês “existe desde mais de quatro séculos, e sempre com denotações e conotações negativas: estranho, esquisito, excêntrico, de caráter duvidoso ou questionável, vulgar” (Lauretis, 2021, p. 168). Além disso, Miskolci (2020) define o queer também como as coisas que são socialmente consideradas estranhas e anormal, como o abjeto.

Nessa perspectiva, Jack Halberstam (2020) caracteriza o queer como algo que representa uma coletividade de tecnologias que se comprometem em surpreender e chocar.

Além disso, é importante ressaltar que o termo mais comum de se encontrar ao abordarmos essa área de estudo seja “Teoria Queer”, pois, de acordo com Eloisio Moulin de Souza (2015), a união da palavra queer com o termo teoria, proposta por Lauretis, buscava titubear os conhecimentos científicos e teóricos acerca das identidades de gays e lésbicas, de forma que uma teoria queer estranhasse o conhecimento tido como verdade universal ao observar que as relações de poder que construíram esses mesmos saberes que se mantinha em hegemonia. Contudo, entramos em acordo novamente com Leopoldo (2020) ao passo que o autor propõe uma forma diferente de pensar acerca do assunto em sintonia com as raízes dessa área, atribuindo uma maior liberdade e realidades para o seu passado. Na perspectiva do autor, o termo “teoria” remete a um estado estático, um ciclo fechado e definido, o que entra em atrito com as características do que queer vem a significar. Dessa forma, é interessante utilizar, de acordo com o autor, o termo “pensamento” queer para tratar dessa área, empregando as características de movimento e liberdade que um pensamento tem.

Observando as mudanças sociais discutidas nos períodos pré- e pós-1969, junto com os acontecimentos do Stonewall, o termo queer ressurge para ampliar novas perspectivas de ser. Com a criação de um termo unificado “gay” para definir homossexuais, saindo do rotulo médico instaurado pelas instituições, o queer se mostra como uma alternativa para aqueles que não se encaixam nessa identidade, assim como Leopoldo (2020, p. 39) explica, “[...] o queer não teria um conteúdo específico, mas reuniria em si todos os abjetos, os rechaçados, os desalmados, etc”. Nesta perspectiva, Richard Miskolci (2020) descreve o movimento homossexual caracterizado por valores de uma classe média e branca que buscava se assemelhar com o padrão social, algo que o movimento queer vai se desvincilar, buscando confrontar as regras estabelecidas que perpetuam o preconceito. Além disso, mesmo dentro do feminismo lésbico, mulheres dissidentes da identidade lésbica fechada começaram a não se sentir mais representadas, criticando o senso de sexualidade como união comum de todas as mulheres (Jagose, 1996). Portanto, o boom queer ocorre que ocorre na década de 1990 é o resultado de todos os acontecimentos no decorrer da história desse povo condenado, o queer se torna uma nova possibilidade de ser. Dessa forma, Richard Miskolci (2020, p. 25) afirma que:

O novo movimento queer voltava sua crítica à emergente heteronormatividade, dentro da qual até gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outr@s, aquelas e aqueles considerados anormais ou estranhos por deslocarem o gênero ou não enquadrarem suas vidas amorosas e sexuais no modelo heterorreprodutivo. O queer, portanto, não é uma defesa da

homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo.

Na perspectiva do sociólogo, o queer explora novos horizontes ao olhar para as formas de violência da sociedade em relação aos esquisitos. A crítica à identidade fechada de “gay” se faz presente ao mesmo tempo que o queer propõe que não há formas de escapar da violência, por mais padronizados e semelhantes sejam os “gays” na visão da sociedade. Em concordância, Rafael Leopoldo (2020, p. 28) afirma que “um dos sentidos do queer, no contexto norte-americano, é ser uma micropolítica pós-gay e pós-lesbiana, entendendo este “pós” não como o que vem “depois”, mas, sobretudo, como uma crítica forte a essas identidades”. Portanto, é possível pensar o queer como uma distorção da normalidade e das coisas estabelecidas, e por isso que esse movimento também ganha seu embasamento teórico ao problematizar questões como a heteronormatividades e a noção de sexo e gênero discutidas por Judith Butler em *Gender Trouble* (1990). Os estudos queer, então, configuram um campo de estudo que busca problematizar questões além da sexualidade, gênero e sexo ao se desfazer de rótulos fechados de identidade. Se Leopoldo (2020) descreve teoria como um termo consolidado e imóvel, o pensamento queer, ou os estudos queer como aqui nomeado, representam um conjunto de práticas e conhecimentos que são mutáveis e não se encaixam em uma caracterização fixa, mas em várias formas de entender e pensar o queer.

2.2 “Familiar”¹⁴: a construção e as crenças acerca de corpos generificados

Nesta seção secundária, apresentamos os conceitos de gênero e corpo para, então, propor uma ideia de um corpo marcado pelo gênero, um “corpo generificado”, a partir das discussões dos dois conceitos. A fim de definir o que pode ser o gênero, principalmente na área dos estudos queer, é necessário retomar rapidamente uma área basilar de estudos que foi e é muito próxima dos estudos queer: os Estudos Feministas. Louro (2020) elabora que é possível notar que discussões desenvolvidas acerca de gênero como conceito são iniciadas pelos estudos feministas, pois, como lembra Lois Tyson (2023), essa área de estudo buscar evidenciar como as mulheres são oprimidas em diversas áreas sociais em relação aos homens. Além disso, Gayle Rubin (2017) também pensou no sistema sexo-gênero antes da emergência queer nos anos 1990, o que causou de forma indireta um crescimento nas discussões de gênero. Portanto, é graças a

¹⁴ O título remete a uma música do vigésimo sexto episódio da quinta temporada de *Steven Universe*, tratando da estranheza do protagonista ao perceber que coisas que já passaram continuam em nossa memória, assim como crenças estabelecidas na infância; “Familiar” (Tradução nossa).

Judith Butler, em seu livro *Gender Trouble* (1990), que novas perspectivas acerca da discussão de gênero foram iniciadas, trazendo à tona o sistema de sexo-gênero-sexualidade, muito discutido também por Guacira Lopes Louro no Brasil.

Para Butler (2021), as tentativas de estabelecer uma relação direta entre sexo e gênero, mostrando sua distinção, eram instáveis, pois ao mesmo tempo que o gênero era socialmente construído, a ideia de sexo não se assimilava com a ideia construída da biologia. Além disso, Butler (2021, p. 26) aborda como esse processo ocorre ao notar que “[q]uando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”. Dessa forma, a produção cultural e social de gênero é a forma como esse sistema binário se sustenta, caracterizando a relação definida pela biologia como sexo e gênero sendo feminino/masculino.

Ainda que Butler aborde a questão do gênero como um construto social, ela elabora que essa construção pode ser problemática ao ver o seu ponto de origem. A relação de gênero e sexo, qual origina ou influencia o outro, parece bem volátil e questionável, pois o discurso hegemônico determina o sexo como algo estabelecido previamente pela natureza (Butler, 2019). Portanto, Butler (2021, p. 22) determina que “[...] está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas”.

Para Guacira Lopes Louro (2020), a sequência sexo-gênero-sexualidade é a forma culturalmente conhecida para atribuir o fator imutável e a-histórico que o sexo possui, determinando, consequentemente, o gênero, e por fim, o desejo. Contudo, para além das fronteiras e definições binárias que são apresentadas para o sistema sexo-gênero-sexualidade, Butler (2019) introduz os atos performáticos de gênero, apropriando-se da teoria performática do teatro para corroborar com seu pensamento de que é possível produzir/performar gênero. Para Butler (2019, p. 213-214),

[...] um gênero não é de forma alguma uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo – identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de certos atos. Os gêneros são instituídos pela estilização do corpo e, por isso, precisam ser entendidos como o processo ordinário pelo qual gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de gênero imemorial. Essa formulação retira a produção do gênero de um modelo essencial de identidade e a coloca em relação a uma determinada temporalidade social. Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa ilusão de essência não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. Se a base da identidade de gênero é a contínua repetição estilizada de

certos atos, e não uma identidade aparentemente harmoniosa, as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado.

Butler, desta forma, define que é por meio desses atos involuntários e inconscientes, mas completamente enraizados culturalmente, que se faz coerente e válida uma forma de pensar na definição de gênero de forma performática e construída no cotidiano. Na visão de filosofe, a identidade, então, se torna um conjunto de práticas, movimentos, gestos e até sentimentos que estão, a todo momento e de forma consciente ou inconsciente, moldando os indivíduos. A produção do gênero por esses atos repetitivos e corriqueiros é a identidade enraizada do ideal a ser seguido, a crença da existência de um tipo de ser único baseado nos gestos e nos arranjos (Butler, 2021). Contudo, é justamente pela inconstância e na agência dos indivíduos que esses atos que produzem e reproduzem o gênero podem ser traduzidos e criados formas de ser, rompendo com a ideia fechada e consolidada de identidade de gênero. Portanto, nessa especialidade do teatro de performance, o gênero passa a ser um produto determinado pelos indivíduos, ainda que influenciados pela cultura e sociedade vigente.

Para contextualizar os efeitos das questões de gênero, Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015) fazem uma lista extensa de realidades ao redor do globo em que homens e mulheres diferem de sua realidade, o que causa uma indagação acerca da (não) coincidência desses fatos. Em contraste, as autoras observam que as mulheres prestam um trabalho que não é remunerado, o doméstico. Além disso são, geralmente, caracterizadas por qualidades positivas em relação ao cuidado e ao afeto, o que as torna um exemplo de “boa mãe”. Enquanto isso, “[...] homens estão desproporcionalmente envolvidos em situações de violência parcialmente porque são preparados para isso”, e em razão disso, “Meninos também sofrem pressão de colegas para se mostrarem corajosos e implacáveis. [...] Mostrar-se capaz de cometer atos de violência se torna, então, um recurso social” (Connel; Pearse, 2015, p. 35). Na visão das autoras, Essas diferenças de comportamento entre homens e mulheres é fruto do enraizamento e dos ensinamentos que os indivíduos tiveram nas suas infâncias, sendo passado pela sociedade por meio de suas instituições de controle.

Desta forma, é nessas especificidades culturalmente produzidas, baseadas nas experiências pessoais na sociedade, que é possível o gênero produzido pelas próprias pessoas influenciarem toda uma esfera real e global. Ainda assim, Connell e Pearse (2015) continuam ao perceber que o gênero é algo dado, e consequentemente, aceito. Em diversos aspectos do cotidiano, é pelas escolhas e ações que as pessoas fazem que o gênero opera, o que corrobora diretamente com os atos performáticos apresentados inicialmente por Butler (2019). Desta

forma, nos pequenos atos normalizados no dia a dia que a concepção de gênero (principalmente ligado ao sistema sexo-gênero-sexualidade) ganha força significativa na identidade dos indivíduos, por mais que haja negação ou mudança, somos o que fazemos. Paul B. Preciado (2014, p. 28) também ilustra ao dizer que:

As elaborações da teoria queer conduzidas durante a década de noventa por Judith Butler ou por Eve K. Sedgwick evidenciaram que as expressões aparentemente descriptivas “é uma menina” ou “é um menino”, pronunciadas no momento do nascimento (ou inclusive no momento da visualização ecográfica do feto), não passam de invocações performativas — mais semelhantes a expressões contratuais pronunciadas em rituais sociais tais, como o “sim, aceito” do casamento, que a enunciados descriptivos tais como “este corpo tem duas pernas, dois braços e um rabo”.

Preciado, então, reflete acerca de evocações descriptivas das pessoas, assimilando o ato de identificar recém-nascidos, ou até mesmo fetos em desenvolvimento, em categorias binárias se torna um processo corriqueiro que visa categorizar indivíduos. Desta forma, o gênero acaba sendo marcado socialmente pela binariedade de homem e mulher, macho e fêmea, masculino e feminino, como se essa representação dicotômica induzisse a uma ideia fechada de identidade (Connell; Pearse, 2015). Além do mais, “[...] o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo” (Connell; Pearse, 2015, p. 49). Essa configuração revela, por fim, que o gênero é um dispositivo criado e regularizado para atender a várias expectativas sociais, e por essa razão, entender suas implicações e efeitos culturais é essencial atualmente. Deste modo, é possível observar um alinhamento entre as perspectivas teóricas de Raweyn Connell e Rebecca Pearse com aquela de Judith Butler, ainda que essas pessoas tenham desenvolvido suas perspectivas críticas por lentes diferentes. Em síntese, a teoria de performatividade abordada por Butler, em um contexto filosófico e baseado no teatro, se aproxima das discussões observadas por Connell e Pearse acerca das crenças construídas sobre o gênero ao observar os dados do mundo inteiro.

A fim de contextualizar a próxima discussão, Butler (2021) elabora que o corpo serve como um meio para a inscrição de marcas e significados de gênero, tornando possível pensar acerca de corpos generificados. Consoante a isso, Guacira Lopes Louro (2020, p. 22) pontua que “[a]o longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura”. Dessa forma, a história ilustra que ocorre um padrão de sistematização do corpo por significados culturais de gênero. De forma semelhante, ao perceber que Butler (2021) questiona se há diferença entre sexo e gênero, Louro (2020) discute a

sequência de sexo-gênero-sexualidade, observando que tanto o gênero/sexo quanto a sexualidade/desejo se mostram fatores cruciais relacionados à área de estudo do corpo que são abordadas a seguir.

As discussões acerca do conceito de corpo, sendo a palavra abordada de forma isolada, percorrem direções distintas e muitas vezes inexploradas. Roy Porter (1992), historiador britânico, buscou compreender alguns desses caminhos na qual essa história se debruça, abordando as diferentes formas de produção do corpo, relação do corpo e mente, e até a ligação e importância do corpo para o movimento feminista. Nesta perspectiva, Porter (1992, p. 301) pontua que “[...] a busca da história do corpo não é, portanto, somente uma questão de triturar as estatísticas vitais sobre o físico, nem apenas um conjunto de métodos para a decodificação das “representações”. É antes um chamado para a compreensão da ação recíproca entre os dois” Dessa forma, a busca por um discernimento acerca dos significados e importância do corpo são, historicamente, carregados de diferentes perspectivas. Além disso, é na condensação entre essas duas visões de construção do corpo que é possível situar essa discussão.

Em concordância com Porter, Connell e Pearse (2015) argumentam que os corpos têm uma realidade que não pode ser ignorada ou minimizada, e a inserção do corpo na história a fim de representar significados não exclui o fato de corpos serem corpos, mortais e que sangram. Além disso, as autoras comentam que os corpos possuem autonomia e são resultados da sociedade e, desta forma, análises biológicas ou sociais não podem ser separadas ou minimizadas ao serem equiparadas lado a lado, pois este não é o foco a ser seguido (Connell; Pearse, 2015).

Ainda que seja necessário ter uma visão cuidadosa ao abordar o corpo, principalmente recorrendo às suas questões históricas, é possível perceber que as características que seguem o corpo são muitas vezes lideradas pela sociedade vigente. Descrevendo o corpo, Silvana Vilodre Goellner (2013, p. 30) elabora que

[...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Desta forma, a autora retifica que as concepções e valores do corpo se alteram baseando em culturas e crenças, o que o torna algo volátil e suscetível a variações. Nessa linha de raciocínio, a cultura como construtora social do corpo se torna o elemento crucial para olhar o corpo em diferentes épocas. Portanto, o entendimento do corpo não pode se fechar ou sedimentar em estereótipo fechados, baseados em apenas um ponto de vista, pois é por meio da

mutação e da sua própria data de validade que o corpo vai ser construído e reconstruído na cultura de cada sociedade.

Retomando períodos passados, Roy Porter (1992) descreve que a relação do corpo entre a mente foi marcada como uma disputa de dominação, onde a mente se sobressaia e se mantinha superior ao corpo devido a uma supervvalorização do raciocínio e pensamento. Contudo, Porter (1992) volta a relembrar que o corpo não deve ser considerado pelo historiador por sua funcionalidade biológica, mas como uma mediação dos elementos culturais, sendo a divisão de funções da mente e do corpo, o corpo e alma, divergentes em contextos culturais, sociais e circunstanciais, acarretando significados plurais.

Consoante a perspectiva de Porter, Silvana Vilodre Goellner (2013) relembra que diferentes mulheres, do campo e da cidade em um período remoto, passaram a realizar um trabalho braçal que demandava muito esforço físico, entrando em atrito com o entendimento e a essência do corpo feminino da época. Portanto, essa observação é valiosa ao lembrar que, apesar da história do corpo estar preocupada tanto com o corpo material e suas representações, a biologia era e ainda é muito utilizada para fazer análises do corpo como uma verdade absoluta (Goellner 2013). Desta forma, a significação do corpo tende a fugir da regra e do conhecimento, tido como universal, da biologia acerca de sua funcionalidade. De forma verossímil, o corpo e o gênero, que são delimitados e encaixados em significados específicos pela biologia, fogem recorrentemente dessas limitações ao se reproduzirem em novos contextos com novas formas de ser.

Aprofundando a discussão do corpo e seus signos, é necessário discernir os impactos causados por fatores culturais. Inicialmente, Guacira Lopes Louro (2020, p. 22) pontua: “Então, os corpos são o que são na cultura”. Essa afirmação retoma as rédeas do corpo como representação de diversos significados sociais, excepcionalmente quando o assunto é gênero e/ou sexualidade. De acordo com Louro (2020), os corpos são marcados pela cultura, o que implica na diferença entre indivíduos, caracterizando essas marcas como símbolo de poder. Ademais, é por meio dessas marcas que indivíduos são caracterizados, julgados e punidos na visão de uma norma reguladora. Observando a sociedade de uma outra época, Goellner (2013) elabora que corpos regulares, charmosos, implacáveis, delicados eram característicos como parte da burguesia desse período, enquanto corpos exagerados, desobedientes, bagunceiros e amargos eram considerados como abjetos ao que se desejava produzir.

Desta maneira, as características corporais, que são ensinadas e controladas nas instituições de uma sociedade, são utilizadas para separar e organizar a sociedade se baseando em discursos regulatórios. Por conseguinte, a sociedade e as instituições têm o poder de vigiar

e punir os corpos tido como abjetos por meio das representações e significados que esses corpos carregam. Portanto, Louro lembra que:

[...] antes de pretender, simplesmente, “ler” os gêneros e as sexualidades a partir de “dados” dos corpos, parece prudente pensar tais dimensões como sendo discursivamente inscritas nos corpos e se expressando através dos corpos; pensar as formas de gênero e de sexualidade fazendo-se e transformando-se histórica e culturalmente. Não se pretende, com isso, negar a materialidade dos corpos, mas o que se enfatiza são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos (Louro, 2020, p. 23).

Na perspectiva da autora supracitada, as representações de corpo, inscritas por meio da sociedade vigente, são responsáveis por determinar um conjunto de individualidades das pessoas, levando também a uma sequência conhecida por gênero-sexo-sexualidade. Acerca desse sistema, Louro (2020, p. 23) afirma que a sequência é responsável por “afirmar que determinado sexo (entendido, neste caso, em termos de características biológicas) indica determinado gênero, e este gênero, por sua vez, indica ou induz o desejo”. Desta maneira, o corpo se torna um fator determinante na sociedade, o que justifica a necessidade de prestar atenção no comportamento, nas representações e significados, na presença ou ausência desses corpos em determinados espaços. Por fim, Goellner (2013) relembra que o corpo, apesar de ser um amontoado de ossos, cartilagens, músculos e sentimentos, não pode ser definido por coincidências biológicas, e sim pela imposição dos signos culturais e sociais que a ele são atribuídos. Dessa forma, a união entre a perspectiva material e simbólica do corpo é o conjunto que se deve ser observado e entendido para perceber a significação da construção do corpo no decorrer da história.

Em síntese, a dualidade de significados que o corpo carrega, tanto histórica quanto biológica, necessita de um amparo e contextualização maior para que seja possível discorrer e elaborar conceitualmente acerca do significado da palavra. Além disso, conforme Goellner (2013) exemplifica, as transformações que o banho e a prática de exercícios físicos causaram no corpo implicam diretamente na forma de tratamento do corpo, ainda que a crença acerca desses exemplos tenha se modificado, a fim de regularizar e pôr o conceito de corpo dentro de uma estrutura ou formula a ser seguida. Dessa forma, o tratamento do corpo sofreu mudanças constantes, e isso impactou na forma como são observados e tratados, ao ponto de estipular um padrão a ser alcançado de um corpo limpo e ideal para se tornar útil. Louro (2020, p. 25), portanto, conclui:

Nomeados e classificados no interior de uma cultura, os corpos se fazem históricos e situados. Os corpos são “datados”, ganham um valor que é sempre transitório e circunstancial. A significação que se lhes atribui é arbitrária, relacional e é, também, disputada. Para construir a materialidade dos corpos e, assim, garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas essas normas, como quaisquer outras, são invenções sociais. Sendo assim, como acontece com quaisquer outras normas, alguns sujeitos as repetem e reafirmam e outros delas buscam escapar. Todos esses movimentos, seja para se aproximar ou para se afastar das convenções, seja para reinventá-las ou subvertê-las, supõem investimentos, requerem esforços e implicam custos. Todos esses movimentos são tramados e funcionam através de redes de poder.

As marcações, as inscrições, e por consequência, os significados culturais e sociais do corpo são resultados de uma força operante na sociedade, um sistema de regras normalizadoras que disciplinam e transformam o entendimento sobre o corpo. Portanto, é na norma, aplicada e fiscalizada pela sociedade, que os corpos são feitos e refeitos com o intuito de se criar, novamente, o que é o esperado e o desejado pelo poder hegemônico da sociedade.

Ao tratar de uma força social unificada, é importante ressaltar que o gênero, que está sendo inscrito e significado socialmente no corpo, produzindo o corpo generificado, é, também, atravessado pelos discursos propagados por uma ideologia social. Nessa linha de raciocínio proposta por Teresa de Lauretis (1987), a autora debate que a ideologia de uma diferença sexual é fundamental no significado de gênero e suas representações. Além disso, a autora também pontua que o significado cultural do gênero é influenciado pela sua representação no discurso, e vice-versa, tornando essa relação entre gênero e sexualidade uma forma de controle por meio de crenças acerca de sua essência (Lauretis, 1987). Desta forma, ao considerar o argumento das tecnologias de gênero proposto por Michel Foucault, Teresa de Lauretis relata que os discursos propagados pelas estruturas sociais, responsáveis pela significação de sexo e gênero que constroem ideologicamente os indivíduos, precisam ser repensadas, a fim de criar alternativas de fuga dessa centralidade da figura masculina na sociedade.

Em conclusão, tanto a produção do gênero pelos atos repetitivos quanto as crenças globais acerca de um papel a ser seguido pela binariedade masculino/feminino, demonstram que há um discurso fundamentado responsável pela formação de indivíduos e suas características. Igualmente, é observável que isso também ocorre na construção do corpo, quando percebemos que a história do corpo retrata períodos que o corpo possuía significados distintos e oscilantes em relação à cultura. Portanto, a produção de um corpo generificado, ou seja, um corpo que é marcado e definido a partir de inscrições e significados de um gênero definido, é guiado e regulado por um sistema de normas que, por meio de discursos e crenças estabelecidas, perpetuam características consideradas essenciais ou corretas, estabelecendo um padrão a ser seguido.

2.3 “Escapism”¹⁵: amarras e regulações da heteronormatividade

Ao perceber as tecnologias de gênero como o mecanismo que atravessa e regula o gênero por meio de um discurso hegemônico, o conceito de heteronormatividade trata, também, acerca de um controle social. Para tentar entender a heteronormatividades como uma estrutura dominante dos gêneros e dos corpos dos indivíduos sociais, a necessidade de uma contextualização acerca de seu significado, poder e influência é urgente. De acordo com Scott L. Morgensen (2021, p. 135):

Queer theorists proposed the idea of heteronormativity to highlight a form of power that uplifts heterosexuality by marginalizing sexualities outside its mold. This power is normative because it sets and enforces rules: more than just describing heterosexuality as normal, it polices conformity to heterosexual norms.

Nesta perspectiva, a heteronormatividade é considerada o sistema que põe a heterossexualidade em um pedestal acima e intocável. Desta forma, outras formas de ser são invisibilizadas e invalidadas por meio das formas de punição que esse sistema propõe, uma vez que elas não se encaixam ao padrão da heterossexualidade. Retomando a perspectiva de Guacira Lopes Louro (2020), a sequência sexo-gênero-sexualidade se faz presente, pois é por meio das crenças em premissas como essas que se faz válida a força da heteronormatividade. Além disso, Louro (2020) explica que o sistema heteronormativo é sustentado por uma premissa presente e consolidada de essência, como se o sexo das pessoas fosse algo dado anterior à cultura, algo imutável e que deve seguir a um padrão. Esse discurso, também presente no entendimento de gênero e corpo, influencia as concepções e crenças das pessoas sobre si e sobre os outros. Portanto, tanto o gênero quanto o corpo precisam seguir a ordem natural de sua existência, sendo vigiados o todo o tempo por esse sistema que implica as regras.

Para entender melhor especificidades das normas regulatórias sociais, é necessário encontrar raízes dessas discussões que ilustram esse problema como algo já vivenciado, ainda que sem um nome definido, em momentos passados. Em um trabalho nomeado “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”, Adrienne Rich (2012 [1980]) problematiza o ponto central da heterossexualidade compulsória, e como isso causava um apagamento das existências e experiências de mulheres lésbicas até em livros que se concebiam

¹⁵ O título remete a uma música presente no vigésimo sétimo episódio da quinta temporada de *Steven Universe*, refletindo um momento em que o protagonista se vê preso física e mentalmente, e pede ajuda a seus amigos com seus poderes para se livrar; “Escapismo” (Tradução nossa).

feministas. Ainda que a autora estabeleça a importância e o conhecimento proveniente dessas obras, esses livros que analisam pontos cruciais acerca do papel da mulher como mãe, como boa esposa e responsável por boas relações não discutem, questionam ou insinuam um problema acerca da preferência¹⁶, naturalmente estabelecida de que mulheres devem e irão se relacionar com homens (Rich, 2012). Ademais, a autora aponta que essa preferência dispensa explicações além das básicas como o dever de reprodução da espécie ou o feminino dentro do complexo de Édipo, e que, na verdade, é a sexualidade lésbica que constantemente precisa de explicações, o que leva a uma conclusão de que a heterossexualidade feminina já profundamente enraizada no nosso pensamento (Rich, 2012).

Questionando essa ideia de uma “preferência natural” de mulheres por homens, Rich (2012, p. 37) enfatiza:

Percebo a experiência lésbica a ser, tal como a maternidade, uma experiência profundamente feminina, com opressões, significados e potencialidades particulares, que não podemos compreender quando nós a agrupamos simplesmente com outras existências sexualmente estigmatizadas.

Dessa forma, as perspectivas da autora superam os estudos da época, uma vez que os anos 1980 são marcados por uma maior conquista de direitos por meio dos estudos gays e lésbicos, mas que ainda não eram amplamente abrangentes e inclusivos, como discutido anteriormente. É somente na chegada dos anos 1990, com os ideais de Judith Butler que novos horizontes são vistos, e novas formas de ser são postas em cena. No início dessa década, com a publicação do livro de Michael Warner, *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory* (1993), o autor reúne diversos ensaios para demonstrar os problemas e novas possibilidades do ser queer, e é na introdução do livro que o autor discute acerca da heteronormatividade pela primeira vez, e aprofundando a discussão em obras posteriores.

Michael Warner (1993) elabora que o novo queer é uma oportunidade de analisar e teorizar acerca da sexualidade como uma questão primária, diferente do que acontecia com os estudos gays e lésbicos que eram centrados em crenças sedimentadas. Além disso, Warner (1993, p. XXI) propõe que uma naturalização do queer perturba os benefícios que a heterossexualidade possui, alegando que “[h]et culture thinks of itself as the elemental form of human association, as the very model of intergender relations, as the indivisible basis of all community, and as the means of reproduction without which society wouldn’t exist”¹⁷. Dessa

¹⁶ A utilização do termo “preferência” é uma alusão à discussão proposta por Rich (2012), ao passo que a autora aborda como a sexualidade lésbica era retratada como algo “fora do normal” ou só mais uma “preferência”.

¹⁷

forma, o autor reflete acerca da ideia do normal ser sempre direcionada à heterossexualidade, e que se configura também como o fator crucial para o funcionamento de todas as áreas da sociedade.

De forma semelhante às discussões de heterossexualidade compulsória propostas por Adrienne Rich (2012), Michael Warner (1993) confronta a questão do normal e seu poder baseado na ideologia da heterossexualidade. Além disso, Warner (2004) explica que

[...] “queer” gets a critical edge by defining itself against the normal rather than the heterosexual, and normal includes normal business in the academy. The universalizing utopianism of queer theory does not entirely replace more minority-based versions of lesbian and gay theory — nor could it, since normal sexuality and the machinery of enforcing it do not bear down equally on everyone, as we are constantly reminded by pervasive forms of terror, coercion, violence, and devastation

Na visão do autor, o queer busca enfrentar a questão do normal em geral, e os benefícios de implementação dessa teoria não se arrisca, e nem seria capaz, de substituir uma forma de ser em relação às passadas. De certo, as existências de outras sexualidades não podem sequer ousar se expandir enquanto há a noção de uma sexualidade comum reforçada por um discurso hegemônico, a heterossexualidade. Nessa lógica, Richard Miskolci (2020, p. 25) aponta que “[o] novo movimento queer voltava sua crítica à emergente heteronormatividade”. Portanto, a nova perspectiva emergente, e das teorizações, do queer são essenciais para olhar agora para a heteronormatividade proposta por Michael Warner. Por fim, tanto as contribuições iniciais de Warner (2004), pensando no viés da nova política do queer como uma forma de desafiar as noções do normal, quanto as contribuições de Rich (2012), ao questionar a ideia naturalizada que sempre guiava mulheres aos homens, foram essenciais para a ampla discussão acerca da heteronormatividade dentro dos estudos queer posteriormente.

A heteronormatividade seria uma ordem sexual cristalizada na sociedade, construindo os sujeitos para que se tornem heterossexuais e mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto são alvos dessas normas, os levando a seguir esse padrão heterossexual (Miskolci, 2020). Ademais, para Tiago da Silva Porto (2016, p. 163), a heteronormatividade “[é] justamente esta normatização criadora das leis, propiciadora de relações inclusivas e excludentes, que estabelecerá estruturas de sentido, que governará e condicionará o sujeito de tal forma que ele poderá ser afetado por algo que ele não reconhece ainda como uma coisa”. Dessa forma, esse sistema opera como uma naturalidade, algo preestabelecido e consolidado, que é considerado de senso comum e por isso deve ser seguido. Além disso, fugir da normalidade, quando há consciência dessa imposição de normas, se torna uma tarefa complicada. De acordo com Richard Miskolci (2020, p. 34) “[n]a esfera do desejo e da

sexualidade, a ameaça constante de retaliações e violências nos induz a adotar comportamentos heterossexuais". Para o autor, a fuga de comportamento esperado pode resultar em perseguição e violência, o que induz os indivíduos a serem cada mais normais, ou seja, heterossexuais. Portanto, a heteronormatividade é a tendência da normatização da heterossexualidade, naturalizando uma forma de normalidade que atua nos sujeitos, muitas vezes sem o conhecimento deles, e regulariza suas ações beneficiando os normalizados, além de violentar aqueles que não corroboram e seguem as normas estabelecidas (Leopoldo, 2020).

Ao discutir o sistema heteronormativo, Guacira Lopes Louro (2020, p. 27) argumenta que:

Uma lógica heteronormativa rege a sequência que presume que, ao nascer, um corpo deva ser designado como macho ou como fêmea, o que implicará, por conseguinte, assumir o gênero masculino ou feminino e, daí, expressar desejo por alguém de sexo/gênero oposto ao seu. Portanto, um corpo viável, ou melhor, um sujeito pensável está circunscrito aos contornos dessa sequência "normal". Uma vez que a lógica que sustenta esse processo é binária, torna-se insuportável (e impensável) a multiplicidade dos gêneros e das sexualidades. Aqueles e aquelas que escapam da sequência e das normas regulatórias arriscam-se, pois, no domínio da abjeção.

Na visão da autora, a lógica heteronormativa é a reguladora desse sistema opressivo de outras possibilidades e sexualidades. É por meio de uma predefinição binária, estabelecida e perpetuada, que o sistema define os indivíduos de forma adequada aos seus interesses, resultando em punições para os infratores. Ademais, esse sistema é responsável por justificar e reiterar os poderes das instituições vigentes, uma vez que é a visão exclusiva de uma matriz heterossexual que é utilizada como regra, tornando os indivíduos desta régua aptos a receber benefícios e privilégios dessas mesmas instituições (Louro, 2020). Portanto, a sequência heteronormativas legitima o que é aceito, o normal, enquanto o que é considerado anormal, abjeto, é impensável e, consequentemente, inexistente.

Ao abordar possíveis transgressões da heteronormatividade, sujeitos considerados abjetos são marcados pela diferença do esperado, sejam marcações em seus corpos ou em seus arranjos de gênero. Tratando de sujeitos que importam, Porto (2016, p. 162) elabora que "[o]s corpos abjetos, desse modo, ocupam a ordem do inóspito e do inabitável, enquanto os corpos que importam em sua existência material ocupam os espaços legítimos dentro de um enquadramento, os espaços que de fato importam". Dessa forma, corpos abjetos são considerados impensáveis, pois habitam um espaço fora da normalidade, ao mesmo tempo que perturba o lugar intocável do sujeito. De forma semelhante, Butler (2021) pensa na questão dos gêneros inteligíveis como formadores de sujeito, que asseguram uma noção de identidade.

Portanto, a asseguração de um indivíduo está na perpetuação de um gênero inteligível, seguindo a ordem de gênero, sexo e desejo, e consequentemente proibindo formas desviantes de gênero.

Para entender a maneira como a heteronormatividade se configura, é necessário perceber que o padrão a ser seguido é sempre o heterossexual, e essa regra é estabelecida e reforçada a todo o momento pela sociedade e suas instituições de poder, o que leva os indivíduos divergentes a procurarem se adequar a essa mesma matriz. Dessa forma, corpos abjetos, assim como formas divergentes de um gênero inteligível, inscrito nos corpos, causam a estranheza e o desvio dessa normalidade. Portanto, ao transgredir e perturbar a ordem estabelecida de gênero, assim como corpos que fogem dessas regras, há a possibilidade de subverter as regras que constituem um sujeito.

3 “LEGS FROM HERE TO HOMeworld”¹⁸: EXPLORANDO STEVEN UNIVERSE E SUAS PERSONAGENS PRECIOSAS

Esta seção se dedica a analisar as fusões presentes na série animada *Steven Universe* sob as lentes e pressupostos teóricos dos estudos queer com ênfase nos conceitos de Corpo e Gênero, bom como na concepção de heteronormatividade. Para tanto, esse capítulo foi dividido em duas seções secundárias: na primeira, 3.1, introduzimos a série animada *Steven Universe* para então, na seção 3.2, partirmos para análises dos dados da pesquisa.

3.1 “We are the crystal gems”¹⁹: a história interestelar de *Steven Universe*

Tendo estreado oficialmente nos Estados Unidos no dia 04 de novembro de 2013, *Steven Universe* é uma série animada criada por Rebeca Sugar e distribuída pelo canal televisivo fechado *Cartoon Network*, o mesmo responsável pela distribuição da animação no Brasil. A série conta com cinco temporadas e cento e sessenta episódios, além de um filme e um seriado, resultando na duração de seis anos de exibição.

A série animada conta com uma fanbase²⁰ bem consolidada por tratar de temas de extrema importância socialmente com humor e leveza. Estes temas vão desde discussões acadêmicas, como estudos na área das teorias pós-coloniais e decoloniais, até temas cotidianos como relacionamentos amorosos, dilemas interpessoais e até mesmo questões de gênero e normatividades, sendo esses últimos elementos discutidos amplamente nesta pesquisa.

Steven Universe gira em torno da vida do protagonista Steven Universo, um garoto de doze anos que vive com Pérola, Ametista e Garnet, três Gems que compõem sua família conhecida como as Crystal Gems²¹. No decorrer da série animada, é possível notar que a maioria dos personagens se referem às Gems como figuras femininas, utilizando gramaticalmente o pronome feminino. Contudo, de acordo com Rebecca Sugar (2015), Gems

¹⁸ O título se refere ao vigésimo quarto episódio da quinta temporada de *Steven Universe*, mostrando a jornada do protagonista até o lugar em que tudo começou e onde tudo acabará; “Pernas daqui para o Planeta Natal” (Tradução nossa).

¹⁹ O título se refere a música de abertura da série animada que não mudou em cinco temporadas, apresentando os personagens que compõe o grupo que o telespectador acompanha a maior parte do tempo; “Nós somos as Crystal Gems” (Tradução nossa).

²⁰ Fanbase é o termo utilizado para se referir ao grupo de fãs de algo.

²¹ Crystal Gems são uma aliança de Gems formada, inicialmente, por Steven Universe, Garnet, Pérola e Ametista. Entretanto, até o final da quinta temporada, juntam-se ao grupo outras personagens, como Lapis Lazuli, Peridot, Bismuto e Connie.

são desprovidas de gênero, pois elas sequer são pessoas, apenas decidiram morar na terra e proteger a raça humana.

Steven Universo, por sua vez, é um híbrido, metade humano e metade Gem, uma vez que sua mãe era uma integrante das Crystal Gems, enquanto seu pai é um humano. Deste modo, o protagonista é único em relação a sua condição, visto que não há registros de Gems e humanos que tiveram filhos. A mãe do protagonista era conhecida como Rose Quartz, uma Crystal Gem que lutava com suas companheiras Pérola, Garnet e Ametista para proteger a terra. Todavia, ao se apaixonar por Greg Universo e engravidar de Steven, Rose precisou se sacrificar para que Steven pudesse nascer, visto que uma Gem precisa de sua gem²² para existir, e considerando que Steven era metade Gem, Rose abriu mão de sua pedra para passá-la a seu filho Steven.

Em relação as raças das Gems, é apresentado que elas vivem um Planeta chamado Planeta Natal, em inglês “Homeworld”, onde há uma hierarquia muito bem consolidada de Gems de acordo com seu papel social. As Gems são lideradas pelas Diamantes, Gems da mais alta hierarquia. O Planeta Natal é liderado por quatro Diamantes: Diamante Branco, Diamante Azul, Diamante Amarelo e Diamante Rosa, e seu propósito é colonizar outros planetas e torná-los parte do império das Gems para extração de recursos naturais e criação de outras Gems, sendo um dos planetas na rota de colonização, a Terra. Todavia, a colonização da Terra foi parada por meio de uma guerra entre as Crystal Gems sob as Diamantes.

Esse enredo é tratado já na primeira temporada da animação, e se estende para as próximas quatro temporadas, sempre retratando a relação das Gems que estão na terra com o planeta que as Diamantes estão. Como explicado na introdução, as cinco temporadas presentes na série original serão utilizadas, selecionando episódios específicos, para ilustrar e contextualizar as fusões na animação.

Antes de adentrarmos em questões específicas da série, se faz necessário retomar alguns personagens que foram citados na apresentação do enredo acima, e para isso, apresentamos eles de forma breve. Ainda que nem todas apareçam na discussão dos dados do trabalho, eles constituem o grupo das Crystal Gems na série, e por isso é importante mencionar sua existência. Em primeiro lugar, há dois grupos principais das Crystal Gems que são apresentadas no decorrer da série, uma com Rose, e a outra com Steven.

²² Usaremos a palavra “Gem” com inicial maiúscula para nos referirmos a raça, enquanto a palavra “gem” com inicial minúscula para nos referirmos a pedra que cada Gem possui em sua composição.

Figuras 01 e 02 – Grupo das Crystal Gems com Steven Universe e Grupo das Crystal Gems com Rose Quartz



Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 22, MAX; *Steven Universe*, temporada 2, episódio 02, MAX

No início da série, conhecemos as Crystal Gems e o Steven, o garotinho no centro da figura 1, em um momento mais avançado da linha cronológica da série, na qual Rose Quartz, sua mãe, não existia mais. Contudo, a figura 2 ilustra as outras Crystal Gems bem novas, visto que elas possuíam visuais e alturas diferentes da figura 1. Além disso, a história sobre o grupo com a liderança de Rose Quartz, a Gem de cabelo rosa, é contada mais pelos detalhes, flashbacks e menções das Crystal Gems no decorrer das temporadas. Portanto, as Crystal Gems “originais”, ou pelo menos as que são apresentadas nesses dois momentos diferentes da série, são constituídas de uma base com Garnet, Pearl e Amethyst.

Conforme as Figuras 01 e 02, Garnet está posicionada no canto direito, utilizando óculos. Pérola é a Gem que utiliza roupas azuis claras e está posicionada no canto esquerdo da Figura 1, e no meio da Figura 2. Ametista é a personagem que está no fundo da Figura 1, e no canto esquerdo da Figura 2.

Figura 03 – Connie, Peridot e Lapis assumem o posto de novas Crystal Gems



Fonte: *Steven Universe*, temporada 4, episódio 15, 2017, MAX

No decorrer das cinco temporadas, com o avanço cronológico do enredo, novas personagens são introduzidas e se aliam às Crystal Gems, fazendo parte dessa família. Na Figura 03, há a presença de Connie, que é a humana melhor amiga de Steven, no canto esquerdo. No centro da Figura 3 temos Peridot, uma Gem que veio à terra em uma missão do planeta natal, mas que se tornou uma ótima aliada e amiga. Além disso, temos a Gem Lapis Lazuli no canto direito da Figura 3, uma Gem que estava presa na terra e sentia um remorso, mas que superou os medos e criou afetos pelo planeta Terra. Além das personagens presentes nas Figuras 1, 2 e 3, há também a Gem Bismuto, e o Leão, que são considerados Crystal Gems no decorrer das cinco temporadas da série.

O conceito de fusão na animação *Steven Universe* foi introduzido apenas no décimo segundo episódio da primeira temporada, intitulado “Giant Woman”. Neste mesmo episódio, é explicado que para acontecer uma fusão, as duas Gems devem estar sincronizadas, o que é acompanhado de uma dança para que elas possam se alinhar. Em uma perspectiva mais prática, para a fisiologia Gem, as fusões são partes naturais de sua composição. Sugar (2015) explica que a fusão ocorre quando duas ou mais Gems mesclam seu corpo físico e criam um ser, sendo este o resultado das duas. A autora segue explicando que as fusões podem ocorrer quando duas Gems idênticas se fundem, formando uma Gem elevando mais sua potência física em tamanho maior. Porém, também é possível a fusão de duas Gems diferentes, neste caso, resultando em algo inteiramente novo, não somente na aparência física, mas também na sua personalidade.

As fusões têm, em sua função social, o propósito de fortalecer Gems da mesma espécie com a finalidade de torná-las maiores e mais fortes para propósito militar, aumentando a força dos exércitos que eram usados nos processos de colonizações de outros planetas. Como exemplo disso, temos as Gems Rubis, cuja função social é atuar como soldados para a proteção da Planeta Natal. Esta, então, estabelece e é mantida como a norma aceita no planeta das Gems e aceita pelo reinado das Diamantes como mostrada a seguir:

Figura 04 - Fusão de cinco Rubis



Fonte: *Steven Universe*, temporada 3, episódio 9, 2016, MAX

A fusão das Rubis, nesse episódio, ocorre pelo contexto em que elas se veem obrigadas a lutar contra as Crystal Gems. Dessa forma, com o propósito bélico, a fusão ocorre a fim das Rubis se tornarem mais poderosas, caracterizando a junção do mesmo, gerando em sua própria versão em tamanho aumentado, unindo suas gems no mesmo corpo. Somado a isso, além da função social da fusão como mecanismo militar de fortificação dos exércitos, na animação existe uma outra possibilidade de fusão: trata-se da fusão de duas Gems distintas. Socialmente, estas fusões são vistas como desnecessárias e causam escândalo, pois contrastam com a norma vigente para a fusão de Gems com fins bélicos, uma vez que as fusões de Gems diferentes podem ser baseadas em diferentes formas de se relacionar, como amizade, afeto e amor. Além disso, Gems que se fundem se baseando em uma das relações descritas são estigmatizadas, e, por conseguinte, isoladas nos confins subterrâneos do planeta Natal, formando um grupo marginalizado chamado Offcolors, apresentadas no terceiro episódio da quinta temporada da série animada.

Figura 05 - Fusão de uma Rubi e uma Safira



Fonte: *Steven Universe*, temporada 2, episódio 22, 2016, MAX

A fusão acima trata-se da combinação de uma Gem soldado e uma Gem da alta hierarquia do Planeta Natal, Rubi e Safira, respectivamente. Não havendo motivos na sociedade Gem para a fusão das duas, vemos no decorrer da animação que tal fusão é fruto do amor nutrido entre as personagens, o que se desenrola no casamento das personagens ao longo da trama.

Deste modo, por serem uma fusão “proibida”, que escapa da normatividade vigente, as duas têm o planeta Terra como seu lar, descrita pelas duas como o único lugar onde poderiam viver de forma livre, pois não fazia parte do domínio das Diamantes.

Como acentuado por Rebecca Sugar (2015), as fusões das Gems distintas formam algo inteiramente diferente, não somente nas cores, mas também nos poderes e na personalidade. Deste modo, esta pesquisa se dedica em analisar, pelas óticas dos estudos queer como as fusões das Crystal Gems são retratadas na animação e como se dá a reação dos seus corpos e seus gêneros por meio das formas, das cores, dos atributos e demais características físicas e comportamentais.

Neste trabalho, nos dedicamos a analisar as dez fusões que aparecem ao decorrer das temporadas e estão válidas no ponto de vista do nosso critério de inclusão e exclusão. Portanto, apresentamos a seguir as fusões nomeadas de: Garnet, Opal, Smoky Quartz, Rainbow Quartz, Stevannie, Sugilite, Sardonyx, Sunstone, Alexandrite e Obsidian

Quadro 1 - Combinação das fusões das Crystal Gems

Gems	Fusão
Steven e Connie	Stevannie
Ruby e Sapphire	Garnet
Pearl e Amethyst	Opal
Garnet e Pearl	Sardonyx
Rose e Pearl/Steven e Pearl	Rainbow Quartz 1.0/2.0
Steven e Amethyst	Smoku Quartz
Garnet e Amethyst	Sugilite
Steven e Garnet	Sunstone
Garnet, Pearl e Amethyst	Alexandrite
Garnet, Amethyst, Pearl e Steven	Obsidian

Fonte: Steven Universe Wiki

Diante do exposto, sistematizamos as personagens alvo dessa pesquisa a fim de analisar e problematizar como o corpo atravessado pelas marcações de gênero, os corpos generificados, é apresentado e se ele reforçou ou reproduziu o que se espera de um corpo na concepção das regras da heteronormatividades. Ainda que a autora da animação, Rebecca Sugar, tenha esclarecido que as Gems não possuem um gênero definido por não serem humanos, essa raça é

tratada, linguisticamente, com pronomes regularmente usados para se referir ao gênero feminino no decorrer da animação, apresentando visuais, vozes e até corpos relacionados ao gênero feminino popularmente conhecido. Desta forma, a verossimilhanças ilustradas nas personagens pode causar impactos nos conceitos muito fundamentados da sociedade vigente, reforçando o senso comum acerca das percepções da binariedade de gênero, ou subvertendo ao propor diferentes formas de ser para a personagem, causando uma certa estranheza à primeira vista.

3.2 “Giant woman”²³: Problematizando pedras espaciais não tão desprovidas de gênero

No trigésimo oitavo episódio da primeira temporada de *Steven Universe*, após falhar em se fundir com as outras Crystal Gems no início do episódio, Steven vai à praia com sua amiga Connie para desabafar acerca de não conseguir sincronizar a sua dança com as demais Crystal Gems. Ao passo que Steven e Connie confessam suas inseguranças, os dois entram em sincronia e formam Stevonne. No decorrer do episódio, a fusão vai a muitos lugares, chocando e encantando os que cruzam seu caminho.

Figura 06 – Steven e Connie dançam na praia e acabam se fundindo formando Stevonne



²³ O título se refere a uma música presente no décimo segundo episódio da primeira temporada de *Steven Universe*, ressaltando o desejo de Steven de ver a fusão Amethyst e Pearl, duas Crystal Gems; “Mulher Gigante”(tradução nossa)

Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 37, 2015, MAX

A fusão Stevonne, entre Steven Universe e Connie, ocorre na primeira vez nas circunstâncias do episódio apresentados acima. Na Figura 06, observamos que diferentes padrões configurados na cena descrita. Em primeira instância, é possível perceber que Stevonne ocorre, pela primeira vez, na praia. Dessa forma, a caracterização da praia como o litoral distante de centros urbanos, do social, é um sinal de que essa fusão não poderia ocorrer na presença de um grande público. Richard Miskolci (2020) aborda que a abjeção e o obsceno, ao se aproximarem, causam repulsa à sociedade por divergirem do normal. Além disso, a beira da praia é caracterizada, também, por ser um lugar que produz sons altos, visto que é onde a onda quebra e produz um som estrondoso. Portanto, a ambientação na praia, sendo um lugar distante e com intensidade sonora, indica que esse novo ser é passível de perturbar e repugnar o meio social, e por isso não deveria ser vista ou ouvida. Ainda que as circunstâncias indiquem que o novo é diferente do normal, Stevonne se apresenta de forma bem natural.

Seguindo no tópico de vestimentas, o gênero “define” quais roupas e acessórios pessoas inseridas na binariedade de podem, e até devem utilizar, mesmo que façam isso sem ter conhecimento desses arranjos (Connel; Pearse, 2015). Connie, uma personagem feminina, utiliza um vestido que vai até os seus joelhos, enquanto Steven utiliza uma camisa comum e calças jeans, além de uma sandália. Ainda que os dois personagens estejam caracterizados de forma apropriada para uma sociedade heteronormativas, Stevonne desestabiliza esse meio termo. Enquanto Stevonne apresenta uma altura superior às personagens que a formam, as vestimentas que Stevonne utiliza são apresentadas por um short jeans curto, uma camiseta curta e outra recortada, popularmente conhecida como cropped, por cima. Portanto, a configuração que encontramos Stevonne vestida são, majoritariamente, femininas, pois estas vestimentas remetem ao que a sociedade espera que uma pessoa feminina utilize.

Roy Porter (1992) chama a atenção para a construção cultural do corpo, buscando evidenciar a materialidade corpo e suas representações. Na figura 5, Steven é mais robusto, possui um cabelo cacheado e curto, com uma sobrancelha levemente mais grossa, além de ter uma cor de pele mais clara. Enquanto isso, Connie apresenta quase seu oposto, como se simbolizasse o outro lado do binário de gênero, sendo caracterizada com braços e pernas mais finos, um cabelo longo e volumoso, além de uma cor de pele negra e uma sobrancelha fina. A significação de um corpo que carrega arranjos de gênero é pensada por Louro (2021) à medida que a autora propõe que os corpos significam, além da materialidade, o discurso e as características que definem um sujeito. Dessa forma, Stevonne deveria portar um meio termo,

um equilíbrio, mas que isso não ocorre de forma correta. Ademais, Stevannie apresenta um cabelo volumoso com o de Connie, e não apresenta um corpo robusto como Steven. Além disso, a cintura larga e o rosto fino de Stevannie remetem, principalmente, a um corpo feminino, carregando as definições de gênero em suas nuances

Cabral e Díaz (1998) discutem que “[o] papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. [...] Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos”. No contexto do cenário brasileiro, políticos já propagaram discursos que atribuem cores a gêneros, sendo o azul uma cor para meninos, para o gênero masculino, e o rosa para meninas, para o gênero feminino. A Figura 06 apresenta um painel de cores simbólicos, não só na ambientação, mas nas personagens. Em um panorama geral, o céu está colorido em tons de rosas escuro, enquanto o mar possui um azul mais soturno. Além disso, há a predominância das cores rosas em relação ao azul do mar. Esse simbolismo se entende até às personagens da cena, em que a Connie está utilizando um vestido azul, e Steven uma camisa vermelha de tom mais claro, o que se aproxima da rosa. No entanto, há a inversão de valores ao perceber que o vestido é azul e a camisa é rosa. No momento da fusão, ainda que a coloração rosa possa ser explicada pelos poderes do Steven serem baseados na sua gem, o tom dominante de rosa na cena indica, também, como se configura a fusão entre as personagens.

Ainda que Stevannie possua a capacidade chocar outros personagens no episódio, a construção de corpo da fusão, atravessadas pelos marcadores de gênero, demonstra que ela não é capaz de se opor a heteronormatividade. Considerando o ambiente de invisibilização da praia, a apresentação da fusão se caracterizando, principalmente, por elementos físicos que são similares ao gênero feminino, além de um corpo normalizado e inofensivo aos olhos, relatam que Stevannie é suscetível a cooperar e reproduzir com “um regime de visibilidade, [...] um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam” (Miskolci, 2020, p. 41)

No quadragésimo nono episódio da primeira temporada de *Steven Universe*, Steven e as Crystal Gems se encontram em uma situação adversa após terem sidos nocauteados e separados, sendo levados como prisioneiros para o planeta natal. Contudo, Steven é capaz de fugir e ajudar uma Gem vermelha que ele nunca tinha visto antes, chamada Rubi. Dessa forma, Steven ajuda Rubi a procurar por uma Gem chamada Safira que ele também não conhece. Quando ocorre o encontro de Rubi e Safira, é revelado a relação íntima entre as Gems, o que ocorre na fusão entre as duas, se revelando a personagem Garnet. O episódio prossegue com a surpresa de Steven, e do telespectador, e uma luta entre Garnet e outra Gem antagonista, resultando em uma série de acontecimentos caóticos que, no fim, resulta no sucesso de Steven e as Crystal Gems em resistir à captura.

Figura 7 – Garnet revela ser a fusão de uma Rubi e uma Safira



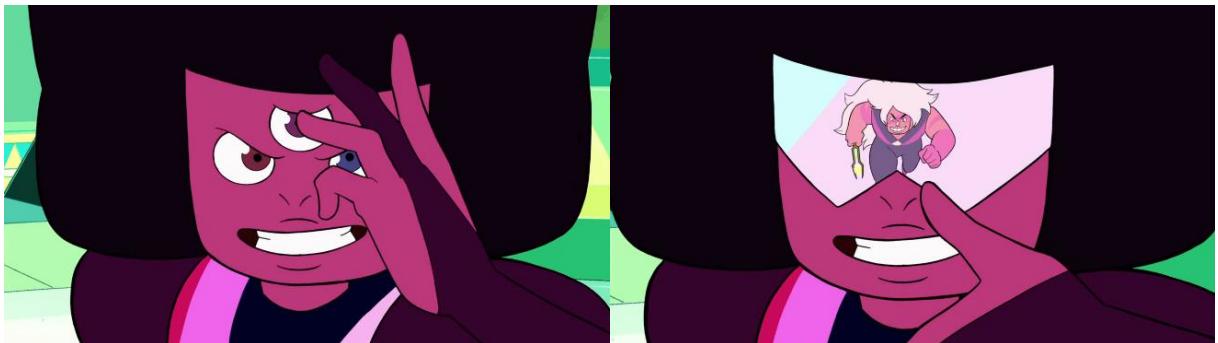
Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 49, 2015, MAX

A Figura 07 apresenta a primeira vez que Steven, e todos que acompanham a série animada, descobrem que Garnet, a personagem que está presente desde o primeiro episódio, é uma fusão. Eve Sedgwick (1990) discute a epistemologia do armário e sua importância na vida de gays, ao ser crucial para a sobrevivência nas relações sociais. Além disso, a revelação de Garnet, em um contexto de opressão do planeta Natal após Rubi e Safira terem sido separadas, se mostra curiosa e simbólica, pois é em um momento de adversidade e ansiedade que ocorreu a demonstração da relação das personagens. Além disso, essa demonstração de carinho e afeto que as novas duas Gems apresentadas demonstram é especialmente forte a ponto de desconsiderar o ambiente e situação que se encontram, mas também demorou uma temporada quase inteira para ser revelado. Além da proteção do armário, Garnet se funde e precisa lutar logo após, visto que as situações de violências ocorrem partindo do anormal que é violentado, e o agressor que se faz valer da norma, caracterizado pela espaçonave do planeta natal. Portanto, Garnet, uma personagem que sempre foi caracterizada por uma liderança e experiência, se mostra a materialização da relação de duas Gems, divergindo da concepção natural que existe acerca de fusões no planeta Natal.

As vestimentas de Rubi e Safira são misturadas assim como ocorreu com Stevonnie na Figura 06. Contudo, é perceptível que as roupas de Garnet não possuem marcações expressivas de gênero como no caso anterior, exceto pelo fator de uma calça colada, que destaca as pernas grossas que a personagem apresenta. Portanto, há divergências entre as fusões das Figura 06 e 07, mas isso acaba quando percebemos outras características de Garnet. Ainda que Garnet seja

a prova material da resistência de Gems contra o poder opressor do planeta Natal, as características que a personagem carrega não incomodam tanto quanto deveriam. Ao fazer uma comparação novamente entre as Figuras 06 e 07, é possível observar que as fusões Garnet e Stevonnie possuem, também, similaridades. A despeito das cores ou das vestimentas, a fusão de Rubi e Safira possuem um corpo tão normal quanto os outros humanos da série. Goellner (2015) lembra que o corpo da mulher já foi marcado biologicamente por discursos de inferioridade, sendo rotulados como incapazes de realizar trabalhos braçais. Seguindo por essa linha, Garnet possui braços finos e pernas grossas, resultando na categorização de uma fragilidade do trabalho braçal.

Figura 08 – Garnet coloca seus óculos antes de lutar contra Jasper



Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 49, 2015, MAX

Mesmo em uma situação de tensão, como um combate, Garnet rapidamente coloca de volta seus óculos. Na Figura 08 é possível observar que mesmo após ser revelada uma fusão, o que explicaria um terceiro olho na personagem, Garnet continua a utilizar óculos. Sujeitos que escapam ou incomodam a ordem são cobrados com valores altos, sendo para além da invisibilidade desses indivíduos (Louro, 2020). Ao manter esse olho escondido, a personagem volta a transparecer normalidade como humanos ou Gems sozinhas. O ato de utilizar esse acessório, então, se caracteriza pelo efeito de uma normalidade esperada da personagem, que não cause estranheza em seu corpo. Dessa forma, a normalidade que Garnet é submetida é semelhante ao que Stevonnie apresenta na Figura 06, uma vez que ambas possuem aparência mais humana. Portanto, seus corpos generificados, à primeira vista, reforçam concepções consolidadas e esperadas de um corpo marcado socialmente pelo gênero feminino.

Ao olhar para Garnet e Stevonnie, é perceptível a semelhança com outros humanos. Doravante, as fusões apresentadas são estranhas e geram dúvidas. Contudo, seus corpos, marcados quase que inevitavelmente pelas tecnologias de gênero, continuam a significar para além das primeiras impressões.

No décimo segundo episódio da primeira temporada da *Steven Universe*, Steven, Amethyst e Pearl saem juntos em busca de algo. No decorrer da missão, o grupo é atacado por uma criatura, o que leva a ideia de Amethyst e Pearl formarem a Opal. Ainda que na primeira tentativa não tenha sido possível, Amethyst e Pearl formam Opal e salvam Steven, o levando para casa.

Figura 09 – Amethyst e Pearl falham em se fundir



Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 12, 2014, MAX

Na Figura 09, sob a vigia de Steven, Amethyst e Pearl não conseguem formar Opal. Além disso, em seus rostos, é possível observar as feições de medo, como se algo pudesse acontecer errado, e acontece. Morgensen (2021) ressalta a ideia da heteronorma como a responsável pelo afastamento e silenciamento dos anormais que divergem de seus moldes. Após as duas falharem, Opal aparece na Figura 10 salvando Steven. Contudo, a formação de Opal ocorre fora da tela, sem a tutela de Steven dessa vez ou do próprio telespectador.

Figura 10 – Opal salva Steven de outras criaturas



Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 12, 2014, MAX

Dessa forma, o espaço se mostra impactante, pois, na Figura 09, Amethyst e Pearl estão em um local fechado, enquanto na figura 10, Opal se move livremente em um local aberto. Ironicamente, a personagem precisa esconder para se mostrar depois. Ao observar o corpo de Opal na figura 10, a divergência para as fusões anteriores se torna nítida. Opal possui quatro braços, o que é incomum ao olhar normalizado de um corpo.

Na figura 10, Opal se apresenta com um cabelo longo, mas preso, o que condiciona certa seriedade que é transmitida em sua face. Essa seriedade pode ser atribuída ao fato de Opal estar cuidando do Steven na maioria das imagens, o protegendo como uma mãe. Connell e Pearse (2015) elaboram como a construção discurso do gênero feminino considera a personalidade de mulheres como aptas ao trabalho de cuidado ao serem gentis, como uma mãe nata. Além disso, as roupas de Opal reforçam arranjos femininos de gênero, como uma calça colada sendo destacada pela parte de cima, que evidencia as coxas grossas em contraste com os braços finos.

Ainda que as cores de Opal sejam uma mistura balanceada de Amethyst e Pearl, as cores claras na personagem passam um grau de segurança. Junto disso, a personagem é magra, alta e anda na ponta dos pés, transmitindo um grau de delicadeza confirmada pelo uso de meias longas, como uma bailarina. A apresentação da mulher por meio da dança é, também, muito comum na representação do gênero feminino, principalmente por carregar a delicadeza (Connel; Pearse, 2015). Portanto, a personagem se caracteriza por um corpo estranho à vista, com a condição de possuir quatro braços, mas que ainda é um corpo influenciado pelas marcas do gênero feminino.

Marcada por arranjos de gênero, Opal demonstra uma delicadeza que não é única. De forma semelhante, há outra fusão que parece seguir essa norma de comportamento, de cuidado. Contudo, é perceptível que há pequenas divergências que não são obras por acaso. Portanto, Sardonyx se apresenta triunfalmente como uma nova personagem ilustre.

No décimo primeiro episódio da segunda temporada da *Steven Universe*, Steven, Amethyst, Pearl e Garnet precisam destruir uma torre, e para isso pensam em formar Sugilite, mas acabam formando Sardonyx. A torre é reconstruída novamente, o que leva Sardonyx a aparecer diversas vezes no episódio, mas no fim a situação só é resolvida com Sugilite.

Figura 11 – Garnet e Pearl se fundem para resolver um problema e formam Sardonyx



Fonte: *Steven Universe*, temporada 2, episódio 11, 2015, MAX

Sardonyx, a fusão de Pearl e Garnet, é a primeira fusão de três gems. Louro (2003, p. 133-134) aborda como a figura central do currículo da educação determina que “[o] modelo normal é a família nuclear constituída por um casal heterossexual e seus filhos. Essa forma de organização social é, na verdade, mais do que normal, ela é tomada como natural”. Dessa forma a fusão de mais de duas Gems é o desvio da normalidade imposta. Como Opal, a fusão na figura 11 possui quatro braços, e divergindo da passada, possui quatro olhos. Dessa forma, Sardonyx é um exemplo da divergência das fusões anteriores, pois seu corpo começa a demonstrar cada vez mais incoerências. Ademais, mesmo os óculos que a personagem utiliza não são capazes de ocultar completamente o estranheza em sua face. O corpo abjeto é, então, caracterizado por um não pertencimento na normalidade, mas que pode tentar se agarrar desesperadamente em alguma base identitária (Porto, 2016), como Opal. Portanto, a personagem aparenta divergir do padrão ao observar essas primeiras impressões.

Ainda que Sardonyx estranhe o normal, ela não é capaz de se livrar totalmente das expectativas. Observando o ambiente dessa fusão, o cenário azul, aberto e deserto, a não ser pelos próprios amigos, indicam a liberdade da personagem. Contudo, quando as cortinas se abrem, a caracterização de uma cor mais rosa acontece, levando novamente para signos de um gênero feminino. Na figura 11, então, temos uma personagem alta, magra, com uma roupa mais justa e uma gravata borboleta. A caracterização de Sardonyx é simples, formal, e principalmente

elegante. Portanto, remetendo ao que ocorre na figura 10, toda a construção remete a uma delicadeza da personagem, o que é o esperado do gênero feminino (Connell; Pearse, 2015).

A construção social do feminino é baseada na expectativa de elementos importantes de um corpo generificado, sendo eles delicados e dispostos ao suporte e o cuidado. Ambas Sardonyx e Opal, portanto, possuem características que tentem alcançar a expectativa. Dessa forma, a construção das personagens, se baseando em um corpo generificado predominantemente feminino, entre em acordo com as normas, o que reforça o discurso. Portanto, Opal e Sardonyx são como nós? Ao perceber que são influenciadas pela norma a um determinado comportamento, e por isso reproduzem a concepção do ideal de feminino que elas remetem, as personagens respondem e se assemelham à norma.

Ao continuar observando essas personagens estranhas, Opal e Sadornyx não são únicas que estranham aos olhos. Rainbow Quartz é a próxima e última fusão que se mostra igualmente estranha, mas proporcionalmente regulada pelas normas e expectativas que a cercam.

No nono episódio da segunda temporada da *Steven Universe*, após ver Steven e Connie se fundindo, Greg conta ao filho como ficou sabendo das fusões das Gems. Em um flashback, Greg conta que presenciou a fusão de Rose e Pearl, o que o deixou com ciúmes. Isso levou o pai de Steven a tentar se fundir com Rose também, mas não conseguir, e por isso alertou Steven e Connie sobre humanos e Gems se fundindo.

Figura 12 – Pearl e Rose se fundem na frente de Greg e formam Rainbow Quartz



Fonte: *Steven Universe*, temporada 2, episódio 9, 2015, MAX

Para completar o show de Greg, Pearl e Rose se fundem e acabam se tornando o centro das atenções. Na figura 12, a fusão das duas personagens, Rainbow Quartz, volta a transparecer aquela normalidade das primeiras fusões, mas ainda possui quatro olhos, mesmo que de forma discreta. Dessa forma, a personagem é, à primeira vista, agradável por parecer normal. Portanto, a personagem causa ou não repulsa?

Ao olhar para a ambientação, Rainbow Quartz parece estar no lugar certo. Ao observar a figura 12, o fundo do palco, um painel marcado pelo branco e a rosa, é uma ligação direta com a personagem. Como abordado anteriormente, a cor rosa é um marcador de gênero feminino. Além disso, um palco elevador e a câmera centralizada na personagem evidenciam um todo o seu corpo em foco. Com um cabelo volumoso, pernas definidas e vestimentas apertadas, Rainbow Quartz retorna para a construção de um corpo feminino delicado e elegante. Richard Miskolci (2020) discute que a sociedade heteronormativa é cúmplice e incentiva os sujeitos a agirem de um jeito comportado e reprimido, uma vez que, junto das violências, assegura um aspecto de normalidade. Dessa forma, é possível crer que a Rainbow Quartz conhecida no episódio nove da segunda temporada é regulada e normal, pois mesmo possuindo uma estranheza, a personagem demonstra características que acabam por reforçar um ideal de gênero e corpo feminino idealizado. Por fim, Rainbow Quartz, visto que não choca, não causa repulsa alguma às estruturas... Será mesmo?

No vigésimo oitavo episódio de *Steven Universe*, as Crystal Gems estão lutando contra seu inimigo final. Em determinado momento, Steven está caindo de uma altura elevada e precisa se fundir com Pearl para salvar os demais, e então formam Rainbow Quartz 2.0.

Figura 13 – Steven se funde com a gem de Pearl para resgatar os outros e formam Rainbow Quartz 2.0



Fonte: *Steven Universe*, temporada 5, episódio 28, 2019, MAX

Após várias temporadas, Rainbow Quartz está de volta, realizando uma entrada de roubar atenções novamente. É importante salientar que Steven e Rose possuem a mesma gem, uma vez que Rose deixou de existir para Steven nascer. Dessa forma, a nova versão de Rainbow Quartz aparece recebendo um destaque, mesmo que curto. Então, a curiosidade acerca dessa personagem está nas mudanças que sofreu.

Por serem formadas por personagens diferentes, as versões de Rainbow Quartz divergem abruptamente. Ao observar a figura 13, Rainbow Quartz possui um guarda-chuva, um acessório utilizado para se proteger. Na cena em questão, a personagem utiliza para que possa levitar e evitar a queda, mas, para além disso, o guarda-chuva serve como uma ferramenta de proteção as normas que afetam a personagem, e os efeitos são evidentes. A predominância da cor rosa, tanto na ambientação, quanto na personagem, é menor, o que é destacado por cores azuis. Novamente, a binariedade de azul e rosa, culturalmente, remete à classificação do gênero em masculino e feminino. Ademais, Rainbow Quartz não utiliza roupas longas e suaves que percorrem todo seu corpo, mas sim jaqueta, que é removível, e um jeans curto. Portanto, o padrão emplacado na personagem na figura 12 vai, aos poucos, se esvaindo.

Ainda que os olhos de Rainbow Quartz não tenham mudado, a personagem não faz esforço, novamente, para esconder. A altura da personagem é outro fator que divergiu, uma vez que a figura 13 apresenta a personagem menor em relação a figura 12. Além disso, o corpo delicado, apresentado anteriormente, sofreu mudanças ao observar que as coxas e os glúteos da personagem na figura 13 não são mais curvilíneos, e seu cabelo já não é longo e loiro. Portanto, a nova versão de Stevonnie se afasta da conformidade com as expectativas sociais de corpo e gênero que sofreu anteriormente, tentando ao máximo fugir das regulações que ela sofreu anteriormente, resultando em uma personagem com o corpo generificado que não tem sucesso em reproduzir as normas, e sim subverter ao apresentar a personagem com mudanças.

As mudanças que ocorreram em Rainbow Quartz na figura 12 e 13 serão a virada de chave para as fusões a seguir. Ao fugir das expectativas, corpos generificados divergentes são, muitas vezes, considerados estranhos, repugnantes, anormais. Louro (2003, p. 77) evidencia que “os sujeitos e os comportamentos que não se ‘enquadrem’ dentro dessa lógica ou não são percebidos ou são tratados como problemas de desvio. Portanto, resistir ao padrão, ao normal, é uma forma de subversão ao esperado, pois ser diferente é incômodo o suficiente para estrutura que normatiza o sujeito, e Rainbow Quartz 2.0 foi o começo da resistência.

No vigésimo sexto episódio de *Steven Universe*, Steven, Amethyst e Peridot encontram Jasper, uma antagonista da série animada, para que possam derrotar ela. No fim, as Crystal Gems acabam por ter vantagem e vencem o confronto.

Figura 14 – Steven e Amethyst se fundem após fazerem as pazes e formam Smoky Quartz



Fonte: *Steven Universe*, temporada 3, episódio 26, 2016, MAX

Ao olhar a figura 14 pela primeira vez, é possível perceber a volta da estranheza com um braço adicional. Contudo, diferente de Opal ou Sardonyx, Smoky Quartz possui apenas um antebraço a mais. A primeira visão que temos da personagem da figura 14 é de um braço com dois antebraços e duas mãos. Dessa forma, a estranheza presente é divergente, e até mais incômoda, ao observar que é algo desuniforme, pois não são braços novos, e não são números pares. Portanto, a impressão observada é um corpo diferente, não visto antes, que é desconfortável. Apesar da estranheza, Smoky Quartz carrega consigo elementos marcantes, como um short curto, uma calça colada e uma camisa recortada. Ainda que essas vestimentas possam ser classificadas como reforços do gênero feminino, como ocorreu com Stevannie, Smoky Quartz não cabe nessa identificação.

Acerca do corpo da personagem, na figura 14, Smoky Quartz é gorda e não comporta a delicadeza que outras fusões fizeram. Goellner (2015) discute a caracterização de corpos considerados bagunçados, desobedientes e exagerados são abjetos, e o contrário do esperado a ser produzido. Sua altura não é seu forte, marcado por pernas curtas, e o seu peso é destacado em braços e pernas grossas. Ademais, há a presença de um cabelo que atrapalha sua visão,

sendo curto, bagunçado e ondulado, causando uma divergência do padrão imposto socialmente de um corpo saudável. Até mesmo a pele negra da personagem é divergente do currículo normalizado e seguido na educação. Além disso, o corpo de Smoky Quartz é marcado pelas próprias roupas, pois ao utilizar uma camisa rasgada, uma calça e um short, seu peso é posto em evidencia para comprovar sua não assimilação, ao que não ocorreu em fusões passadas. Portanto, a apresentação do corpo da personagem pode ser repulsiva por carregam as características do diferente, do anormal.

Além de ser uma personagem estranha das outras fusões das Crystal Gems, Smoky Quartz causa uma abjeção, uma repulsa. Na figura 14, é possível observar a camisa rasgada e o short curto, junto da calça apertando a personagem, evidenciam um corpo generificado que estranha o currículo. Ademais, a presença do ioiô pode significar os muitos caminhos que as três mãos da personagem guiam, fazendo um movimento de vai e volta, em mudança. Portanto, a estranheza não é contida por uma normalização, e a personagem não se adequou ao esperado.

Para além das expectativas do normal, Smoky Quartz apresentou características que não são capazes de encaixar no normal. A construção do seu corpo é desproporcional ao ideal a ser seguido, e essas marcações não tentem ser escondidas. Portanto, ao ser uma personagem que pesa, Smoky Quartz entra em conflito direto com a ideia do normal, o que causa uma noção de subversão do normal, por não assimilar. Elsa Dorlin (2021) trata a política de subversão como o inassimilável, o impensável, e por isso algo novo. Além disso, há personagens cada vez mais anormais, monstruoso e impensáveis que a norma não é capaz de regular, assim como Sugilite e Sunstone.

Figura 15 – Garnet e Amethyst se fundem para resolver uma situação e formam Sugilite



Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 20, 2014, MAX

No vigésimo episódio da primeira temporada de *Steven Universe*, as Crystal Gems formadas por Steven, Garnet, Pearl e Amethyst precisam destruir uma torre, e por isso as personagens dizem que precisam ser “fortes” e não “cuidadosas”. Então, Garnet e Amethyst se fundem para formar Sugilite, uma fusão forte que desmorona a torre com sua força. Inspirado pela fusão, Steven começa a malhar com seus amigos na praia, até que Sugilite aparece e começa a lutar contra Pearl, a machucando. No fim, Pearl derrota Sugilite, e Garnet e Amethyst se separam.

Em primeira visão, Sugilite apresenta, novamente, o corpo monstruoso com mais braços. Além disso, a personagem apresenta cinco olhos, o que a torna mais anormal. Os óculos que a personagem utiliza já não é capaz de esconder a sua anomalia, diferente do que acontece com Garnet na figura 8. Ademais, é importante ressaltar que a personagem na figura 15 é a fusão de três gems, remetendo a uma semelhança com a Sardonyx. Na figura 15, Sugilite é formada em um ambiente igual ao da figura 11, o que caracteriza as mesmas circunstâncias para ambas. Todavia, se Sardonyx apresentou um contraste ao ambiente, Sugilite não o faz.

A fusão de Garnet e Amethyst, como observado na figura 15, é caracterizada por marcadores de gênero femininos, como a roupa colada, coxas grossas e um cabelo volumoso. Contudo, Sugilite não vai seguir por essas marcações, mas vai confirmar a presença de todo ao azul da cena, sendo marcada por características do gênero masculino. Seu corpo musculoso, com braços e pernas grossas, além de um sorriso de autoconfiança, são características diretas a sua personalidade agressiva. Connell e Pearse (2015) discutem que homens estão mais envolvidos com trabalhos braçais e em situações de violências, como guerras, ao mesmo tempo que ocupam números maiores em presídio por agressão. Divergindo do que outras fusões apresentaram, Sugilite não é delicada ou calma, e seu trabalho já não é proteger, mas destruir. Portanto, a personagem é caracterizada por um corpo genericado marcado pelo masculino. De forma semelhante, Sunstone apresenta características que são diferentes de um feminino esperado.

No vigésimo oitavo episódio de *Steven Universe*, as Crystal Gems estão lutando contra seu inimigo final. Face a uma situação de perigo iminente, Steven se funde as gems de Rubi e Safira, formando uma personagem nova que tranquiliza e salva os demais com seu sorriso largo e braços enormes.

Figura 16 – Steven se funde com as gems de Rubi e Safira e formam Sun Stone



Fonte: *Steven Universe*, temporada 5, episódio 28, 2019, MAX

Na figura 16, é apresentada uma personagem que não é comum aos olhos. Apesar da caracterização de Sunstone ser diferente por possuir quatro braços, ela não parece ser humana, ou normal, de forma alguma. Porto (2016) comenta que as normas que regulam os corpos que valem a pena ser vividos são as mesmas que caracterizam o corpo abjeto impensável. Possuindo roupas curtas e recortadas, a personagem possui características do feminino, apesar de seu corpo estar tão divergente do comum. Contudo, semelhante ao que ocorre na figura 15, o corpo de Sunstone é caracterizada, também, por músculos. De forma disforme, apenas seus braços são fortes, e não são todos. Apesar da cintura finas, seu peitoral e braços são sinônimos de um corpo masculino, e suas pernas curtas tem menos destaque. Portanto, como a figura 16 demonstra, as características marcantes de Sun Stone são sua força e resistência, ao invés de altura ou delicadeza.

Ao comparar a figura 15 e 16, ambas as fusões demonstram corpos musculosos acompanhados de poses que destacam esse corpo, além do sorriso de confiança. Dessa forma, ao não apresentarem um corpo esperado, elas convergem para uma anormalidade. No caso de Sugilite, ela é gigante e possui um corpo enorme, enquanto Sun Stone é razoavelmente grande, mas não concorda com as expectativas do corpo feminino. Além disso, a anomalia pode ser explicada pelo fato de ambas serem fusões de três gems, elas fogem do currículo heterossexual monogâmico, o que é perceptível nessa estranheza. Por fim, tanto Sugilite quanto Sun Stone, com seus corpos torneados e musculoso, divergem da normalidade esperada, e assim são capazes de subverter as regras que lhe foram aplicadas.

Ao falar de corpos enormes, monstruoso e anormais, as duas últimas fusões das Crystal Gems possuem características que estranham o conhecido. Nessa reta final, é incontestável que fusões de gems que fogem do binário são alvos do olhar de julgamento. Dessa forma, Alexandrite e Obisidan, sendo formadas por quatro e cinco gems, respectivamente, são personificadas como o extraordinário. Ambas as personagens, como ocorreu com Sun Stone e Sugilite, são demais.

No trigesimo segundo episódio da primeira temporada de *Steven Universe*, Steven precisa apresentar, para os pais de Connie, seus pais. Dessa forma, o garoto quer levar seu pai, Greg, e as Crystal Gems que cuidam dele a todo instante. Contudo, por não poder levar Pearl, Garnet e Amethyst devido ao impacto que geraria ter três figuras maternas, Steven propõe que as personagens se fundam, e isso ocorre. No jantar, a família de Connie e a família de Steven interagem, mas termina com a separação das Gems.

Figura 17 – Steven convence Garnet, Amethyst e Pearl a formarem Alexandrite



Fonte: *Steven Universe*, temporada 1, episódio 32, 2014, MAX

Na figura 17, Alexandrite é uma personagem que apresenta um cabelo grande e uma roupa colada, caracterizações de um gênero feminino. Ademais, a personagem utiliza luvas e óculos que para esconder partes do seu corpo. Além disso, há a presença das cores rosas e azuis, indicando a binariedade de gênero. Todas essas características são abordadas por Louro (2021, p. 24) à medida que “[a] marcação pode ser simbólica ou física, [...] O que importa é que ela terá, além de efeitos simbólicos, expressão social e material. [...] que seja, em síntese, aprovado,

tolerado ou rejeitado”. Portanto, os arranjos de gênero da personagem apresentam uma dualidade, o binário que ela precisa se encaixar para então se sujeitar.

Ao observar o corpo de Alexandrite, os arranjos de gênero e suas marcações corporais exibidas não são capazes de suportar uma identidade fechada. Para comparecer a um evento formal, onde desempenha um papel social do gênero feminino, a personagem precisa sair à noite, no escuro, sendo mais invisibilizada. Além disso, na figura 17, é possível observar a dificuldade da fusão das três Crystal Gems de se encaixar e agir naquela situação.

Ainda na situação, ao tentar comer, a personagem acaba por revelar a presença de uma segunda boca, mais monstruosa, e é perceptível uma dupla face. É possível pensar na fusão de quatro gems como uma transgressão maior ao esperado que as normas não conseguem se aplicar a essa abjeção. Por fim, a separação da fusão é o sinal final para a não corroboração das normas que Alexandrite é sujeita. Louro (2000) relata que “[...] a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”. Ao ser marcada por características socialmente ligadas ao gênero, necessitar desempenhar um papel de gênero e utilizar estratégias que esconderiam sua identidade, Alexandrite não consegue se aproximar do normal, uma vez que tudo caracteriza a oposição.

Assemelhando ao que ocorre com Alexandrite, Obsidian é uma fusão que foge à norma imposta. Todavia, a mais nova e última fusão apresentada não se sujeita ao padrão observado até este ponto. Divergindo da concepção de normal para as fusões, o corpo generificado desta se mostra resistente a essa sujeição. Dessa forma, a fusão incorpora uma nova forma de transgressão

No vigésimo oitavo episódio de *Steven Universe*, as Crystal Gems estão lutando contra seu inimigo final. Para serem capazes de enfrentar um inimigo poderoso, há a necessidade de Steven, Pearl, Amethyst e Garnet se fundirem para gerar algo inteiramente novo. Obsidian, então, mostra sua bravura e luta contra as forças do inimigo.

Figura 18 – Steven, Garnet, Pearl e Amethyst formam Obsidian para lutar



Fonte: *Steven Universe*, temporada 5, episódio 28, 2019, MAX

Ao primeiro olhar, Obsidian demonstra ser para além de gigantesca. Percebendo que a partir de 3 gems, fugindo do modelo heterossexual e monogâmico, o corpo das fusões é atravessado por mudanças que a tornam cada vez mais estranhas. Na figura 18, Obsidian, uma fusão de cinco gems, apresenta características cada vez mais expressivas. Além disso, se a quantidade de braços das fusões anteriores refletia um grau de estranheza, a fusão da figura 18 transcende os limites do aceitável. Dessa forma, a monstruosidade que a personagem transmite parece exceder todos os limites conhecidos, pois possui um corpo quase indescritível.

Ainda que Obsidian possua um cabelo grande, a personagem quebra com todas as expectativas de uma normalidade para seu corpo generificado. Na figura 18, é possível perceber que a fusão não utiliza vestimentas, que além de indicar uma falta de identificação, reforça o seu corpo que não tem nada a esconder. A altura exacerbada da personagem com pernas longas e múltiplos braços finos não são capazes de impor uma característica de gênero na personagem. Mesmo ao estar desprovida de vestimentas, características expressivas de um corpo generificado como genitálias ou seios fartos, musculosos, não estão presentes. Além disso, semelhante ao que ocorre na figura 17, é possível perceber também a presença de uma segunda face na fusão da figura 18. Todavia, desta vez, não é uma descoberta, e sim uma característica que não é escondida. Além de tudo isso, a presença do fogo e a disposição à batalha provocam

uma postura de algo selvagem. A selvageria, acima de tudo, é caracterizada por uma divergência do comportado, do normal.

Diante do exposto, Alexandrite e Obsidian apresentam os maiores extremos de fuga da norma. Apesar de todos os arranjos impostos, na figura 17, a fusão não se comporta, ao passo que não é normalizada por essas características. Em seguida, a fusão na figura 18 confronta ainda mais a normalização de corpos generificados ao propor significados cada vez mais divergentes. Ao que parece, quanto maior o número de gems envolta da fusão, maiores são as diferenças do padrão de normalidade estabelecido. Louro (2000) elabora que a sexualidade ocidental, marcada pelo modelo heterossexual e monogâmico, tem sido questionado ou reafirmado a partir das existências de novas sexualidades e possibilidades de existência. Ou seja, longe do binário, do monogâmico, do normal, há a abjeção, o anormal, o monstruoso que subverte essa normalização, assim como Obsidian faz. Portanto, em termos da não conformidade da normalidade, ambas as fusões da figura 17 e 18 têm sucesso em subverter o padrão ao não seguirem as normas.

Nesta seção, buscamos explorar as fusões das Crystal Gems que aparecem no decorrer do andamento da série original. Apesar de todas as personagens apresentarem características ilustres e fantásticas, as aparências podem convergir para algo que já é muito conhecido e estabelecido. Por outro lado, a caracterização de personagens monstruosas e estranhas também se mostra importante para entender como as características podem ser questionadas e subvertidas, ao não estar reproduzindo e seguindo uma ideia de normal. Portanto, a variedade e possibilidades de significados que cada fusão demonstrou nesta seção evidenciam um fator importante do ser, do único, mas que muitas vezes é atravessado por uma regulamentação. Felizmente ou infelizmente, as regras não são só obedecidas, são questionadas e até quebradas, e ser diferente, ser anormal, ser estranho pode ser recompensador ao longo prazo.

4 “EARTHLINGS”²⁴: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES DE UMA JORNADA ACADÊMICA CONTURBADA

Retomando a concepção de Halberstam (2020), o arquivo “bobo” foi a ideia que iniciou todas as ideias subsequentes deste trabalho. Ao problematizar o impacto dos desenhos animados, representações fúteis que seriam consideradas perca de tempo podem se tornar novas formas de pensar em outras grandezas. A perspectiva do exagero e da ficção de um desenho animado, um produto destinado a crianças inocentes, é uma chance de utilizar novas estratégias para combater o poder hegemônico.

Se pensar que desenhos animados são só perdas de tempo, as mensagens que eles passam não são capazes de influenciar ninguém... certo? Ao perceber que as crianças têm contato maior com a tecnologia e seus conteúdos, elas acabam por se tornar mais suscetíveis ao exposto. Se sentir representado ao ver um desenho já é um papel cumprido da obra. E por falar em obra, o desenho analisado aqui possui uma estranheza que chega a ser inegável. Há discussões acerca da existência de pessoas queer na infância, mas se pensarmos que o fracasso de Jack Halbsertam (2020) é algo que as pessoas queer fazem muito bem, as crianças não estão longes dessa seara. Ao passar por um processo de formação inicial de personalidade, crianças descobrem cada vez mais coisas novas sobre si, e até um desenho animado pode ser uma introdução ao que parece mais estranho.

Steven Universe é, então, a personificação da anormalidade. Apesar de ser uma animação comum, a maioria dos aspectos tocados pela série, seja por seus personagens, ambientações, músicas e muitas outras formas de expressão, são fortes indicadores desse incomum. Ser levado ao estranho, desde novo, nos leva a questionar a existência do outro, do intocável, do abominável. E talvez por isso *Steven Universe* seja um desenho bom no que faz, pois ele te leva a questionar as coisas mais cotidianas e corriqueiras que acontecem.

Diante do exposto, a problemática dessa pesquisa ocorre devido aos muitos pensamentos sobre as fusões das personagens, e por isso buscamos responder “de que formas as fusões das Crystal Gems subvertem heteronormatividades de corpo e gênero na série animada *Steven Universe* (2013-2019) à luz dos estudos queer? ” Para responder à pergunta, buscamos realizar o seguinte objetivo geral: investigar de que formas as fusões das Crystal Gems subvertem heteronormatividades de corpo e gênero na série animada *Steven Universe*

²⁴ O título remete ao vigésimo sexto episódio da terceira temporada de *Steven Universe*, em que Steven e Amethyst param de disputar para ver quem é mais fraco, e se unem como uma forma de enfrentar isso juntos, assim como ocorreu com o pesquisador e uma pessoa especial para ele; “Terráqueas” (Tradução nossa)

(2013-2019) à luz dos estudos queer. Para de alcançar, elencamos os seguintes objetivos específicos: Discutir os pressupostos teóricos dos estudos queer com ênfase em corpo, gênero e heteronormatividade; identificar as características de corpo e gênero nas fusões das Crystal Gems na série animada *Steven Universe* (2013-2019); e verificar as reproduções e subversões de heteronormatividades nas fusões das Crystal Gems, na perspectiva de corpo e gênero.

A pesquisa, por meio das lentes interpretativistas, revelou que as fusões das Crystal Gems são marcadas por diversos marcadores de corpo e gênero que acabam por influenciar na sua construção. Em *Steven Universe*, buscamos observar o primeiro episódio que a fusão aparece para o telespectador. Dessa forma, metade do grupo das fusões, sejam elas Stevonnie, Garnet, Opal, Sardonyx e Rainbow Quartz, se configurou como uma normalização de corpo generificado que reforçou os padrões heteronormativos impostos. Em contrastes, a outra metade do grupo, composta por Rainbow Quartz 2.0, Smoky Quartz, Sugilite, Sun Stone, Alexandrite e Obsidian, foi marcada pelos arranjos de gênero e construída para desempenhar o que um corpo saudável deveria, mas não se comportaram a ponto de serem normalizadas por essas heteronormatividades, o que levou à subversão do padrão normalizado das personagens.

Resumindo, o processo de análise interpretativista das personagens gerou, cada vez mais, ondas de surpresas. Perceber que muitas vezes os marcadores não são capazes de se aplicar e construir um indivíduo foi a grata surpresa do processo da pesquisa. Além disso, a própria fragilidade de tratar de corpos e gêneros por uma visão único foi um processo de aceitação de que não foi possível trabalhar na imensidão dessas personagens. Para além das fusões, os diálogos e as histórias contadas na série possuem uma riqueza que esta pesquisa não estava pronta para explorar, e por isso há, acima de tudo, a sensação de capacidade de mais, do além.

Acerca das dificuldades encontradas nesse percurso, todo o processo para chegar nesse final é doloroso. A pesquisa é algo muito receptível para a criatividade, mas fazer o intercâmbio entre as duas coisas pode ser um empecilho no caminho. Além disso, a dúvida é algo inevitável que acompanha e assombra todo o caminho. E, por isso, o fator incapacitante que mais devasta é a incapacidade de escrever sobre o que você mais ama, ao ponto de duvidar de suas motivações, de seus desejos. Seria possível abranger, também, os muitos cuidados com os detalhes de um trabalho gigantesco, mas não é possível apontar isso ao ter um grupo que é consolo e apoio.

A pesquisa buscou problematizar e encontrar novas formas de ser nas fusões das Crystal Gems. Contudo, as fusões são apenas uma pequena parcela de todo o mágico que a série trabalha, e isso é algo que inevitavelmente remanesceu em lacunas no decorrer do trabalho.

Portanto, esperemos que este trabalho possa servir de incentivo e inspiração para a produções de mais pesquisas acerca de pedras espaciais, ou humanos que vivem com pedras espaciais. Talvez nem precise ser sobre seres vivos, né? Além disso, a sugestão, para não dizer suplicação, é que novos trabalhos possam explorar cada vez mais os desenhos animados, as coisas bobas e o que é real no ficcional, a humanidade da representatividade.

Por fim, não posso²⁵ deixar de me sentir impactado por todos esses momentos que dediquei ao trabalho. Me sinto orgulhoso por ter chegado aqui, e desapontado comigo mesmo por não ter feito mais, mas não posso deixar para trás aqueles que mais estiveram por mim até aqui. Então, a finalização de tudo é graças a superação de todo o sofrimento e disputa contra o Eu.

²⁵ A utilização da primeira pessoa do singular se dá pelo caráter reflexivo do pesquisador acerca da sua jornada

REFERÊNCIAS

- ADMIN. Dossiê denuncia 273 mortes e violências de pessoas LGBT em 2022. 2023. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/#:~:text=O%20Brasil%20assassinou%20um%20LGBT,casos%20de%20crimes%20de%20%C3%B3dio>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BORGES, D. S. **Conflitos vivenciados por Simon no filme Love, Simon (2018), sob as lentes da Teoria Queer.** 69p. 2019. Monografia (Graduação em Letras-Inglês) Universidade Estadual do Piauí, campus Parnaíba, 2019.
- BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 212-229.
- BUTLER, J. **Gender Trouble:** feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- CONNELL, R; PEARSE, R. **Gênero:** uma perspectiva global. 3. ed. São Paulo: Nversos, 2015. Tradução e revisão técnica Marília Moschkovich.
- DEBONE, G. “NÓS SOMOS AS CRYSTAL GEM”: um estudo sobre sexualidade e gênero no desenho animado Steven Universo. **Florestan**, São Paulo, v. 7, n. 8, p. 36-60, nov. 2019.
- DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades:** introdução à teoria feminista. São Paulo: Ubu Editora; São Paulo: Crocodilo, 2021.
- FELTRIN, R. Exclusivo: **TV aberta perdeu quase metade do público em 20 anos.** UOL, 02 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/02/02/exclusivo-em-20-anos-metade-do-publico-ja-fugiu-da-tv-aberta.htm>. Acesso em: 30 de fev. de 2023
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.
- HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso.** Recife: Cepe, 2020. Tradução de Bhumi Libanio.
- HALBERSTAM, J. **The queer art of failure.** Duke University Press, 2011.
- JAGOSE, A. **Queer Theory.** New York: Melbourne University Press, 1996.
- KROPIDLOSKI, Í. M. **Masculinidades nos desenhos animados:** as representações de Johnny bravo e Steven universo. 2023. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 2023.

LAURETIS, T; SILVA, G. B. V; SOUZA, L. L. Gênero e teoria Queer. **Albuquerque:** revista de história, [S.L.], v. 13, n. 26, p. 165-176, 28 dez. 2021.
<http://dx.doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12446>.

LEOPOLDO, R. **Cartografia do Pensamento Queer.** Salvador: Editora Devires, 2020.

LOURO, G. L. Curriculo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2003.

LOURO, G. L. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, T. H. **O potencial pedagógico da televisão e dos desenhos animados na construção do imaginário infantil.** 2012. 56 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.

MISKOLCI, R. **Teoria queer:** um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica; UFOP, 2020

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes *et al.* Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 1127-1136, mar. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>.

PALOMA. **Todas as lições que podemos aprender com Steven Universe.** 2017. Disponível em: <https://valkirias.com.br/licoess-steven-universe/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

PITRE, J. **I Think We Made Something Entirely New: Steven Universe,** tumblr fandom and queer fluidity. 2018. 95 f. Tese (Mestrado) - Curso de Film Studies, Carleton University, Ottawa, 2018.

PORTER, R. A história do corpo. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 291-326. Tradução de Magda Lopes.

PORTO, T. da S.. A incômoda performatividade dos corpos abjetos. **Ide (São Paulo)**, São Paulo , v. 39, n. 62, p. 157-166, ago. 2016 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062016000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 nov. 2024.

POUGY, E. G. P. **A televisão e a criança.** Educação Pública, 2005. Disponível em:<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/-a-televisatildeo-e-a-crianccedila>. Acesso em: 31 de nov. de 2023

PRATA FILHO, R; CASTRO, T. B. **Lendo Judith Butler.** Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2021.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassetual:** práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014. Maria Paula Gurgel Ribeiro.

RUBIN, G. **Políticas do sexo.** São Paulo: Ubu Editora, 2017. Tradução de Jamille Pinheiro Dias.

SEDGWICK, E. K. **Epistemology of the Closet.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1990.

SEXSMITH, S. **Jack Halberstam:** Queers Create Better Models of Success. 2012. Disponível em: <https://lambdaliterary.org/2012/02/jack-halberstam-queers-create-better-models-of-success/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SILVA, J. E. N. MODOS DE FAZER DA PESQUISA ACADÊMICA: descrição de uma experiência em análise de materiais didáticos de língua italiana. **Cadernos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 60-70, abr. 2016.

SILVA, J. P. L; PARAÍSO, M. A. Monstros que assustam, atraem e fascinam. **Revista Educação em Questão**, [S.L.], v. 59, n. 62, p. 1-23, 27 dez. 2021. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. <http://dx.doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n62id26882>.

SOUZA, E. M. **A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais:** revisando conceitos sobre identidade. Revista de Administração Contemporânea, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 308-326, maio 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150185>.

STEVEN Universe. Criado por Rebecca Sugar. Nova Iorque: Cartoon Network Studios, 2013-2019. 5 temporadas. Disponível em: [Assista Steven Universo | Max](#). Acesso em: 20 de setembro de 2024.

VILELA, L. **Os 10 desenhos do Cartoon Network que mais fizeram sucesso; quantos você já assistiu?** 2023. Disponível em: <https://exame.com/pop/os-10-desenhos-do-cartoon-network-que-mais-fizeram-sucesso-quantos-voce-ja-assistiu/>. Acesso em: 31 out. 2023.

WARNER, M (org.). **FEAR OF A QUEER PLANET:** queer politics and social theory. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1993.

WARNER, M. (ed.). **Fear of a Queer Planet:** Queer Politics and Social Theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.